



# ÁBOIO DE FANTASMAS

**Andréia Delmaschio**

**Andréia vai furar vc!  
(fenomenologia do eu).**

Corpo. Coisa em si. Aquele (AQUILO!) que é! História. Fantasmagoria. Manifestação da possívelquaseinalcançável unidade de três dimensões fundamentais da sócioexperiência de sernomundo: cosmofisiopsico. O universo é infinito: cai a cosmoética grega! Deus está morto: cai a teoética medieval! O sujeito do conhecimento se forja no infraconsciente: cai a antropeótica moderna! O que sobra? A finitude! Andréia faz aqui tempero e sabor pro saber da finitude. Pra saber que a gordura da carne da finitude é absolutamente a profusão vivencial das sempiternidades. Auscultando o logos, Andréia encena o Zarathustra: escreve com sangue! É preciso não ser uma pessoa: cadaumcadaeu é o aboio dos fantasmas que o deixam sernomundocomosoutros. Andréia faz aparecerbrilhar a verdade: o que dóitrans-tórnaféta – fantasmas que a obrigam a aboiar (a sernoaboio, enquantoabóia – a sernoquantoabóia). Andréia vai furar vc com sua agulhalivro de phainografia. Vai esvaziar o hipersujeitoe-xplodido da supersticiosaaenadificante eradoautoculto (selfie!), literoprovan-do que o auto é sempre dobradedo-bra, complexidade pulsional que compreende os/as próximos/as: proprieda-de é proximidade! De novo a questão da distância. Platão. Chega.

**Adolfo Oleare**  
*professor de filosofia do Ifes.*



## Governo do Estado do Espírito Santo

Governador

José Renato Casagrande

Vice-Governador

Givaldo Vieira da Silva

Secretário de Estado da Cultura

Maurício José da Silva

Subsecretário de Estado da Cultura

Joelson Fernandes

Gerente de Ação Cultural

Rita Sarmento

Gerente do Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas

Nádia Alcure Campos da Costa

## Instituto Sincades

Presidente

Idalberto Moro

Gerente Executivo

Dorval Uliana

Coordenadora de Programas e Projetos

Ivete Paganini

Coordenadora de Projetos

Lívia Caetano Brunoro

Jornalista

Roberta Fachetti Silvestre

Assistentes de Projetos

Bruna Casoli

Patrícia Soares Lucio

# ABOIO DE FANTASMAS

Andréia Delmaschio

Secult  
Vitória, ES  
2014

© Secretaria de Estado da Cultura, 2014  
Governo do Estado do Espírito Santo

Coordenação Gráfica e Editorial  
Márcia Selvátice Tourinho

Revisão  
da autora

Ilustração da Capa  
Dante e Virgílio no Paraíso, Gustave Doré, 1861

Projeto gráfico e diagramação  
Link Editoração

Impressão  
GSA Gráfica e Editora

Tiragem  
1.000 exemplares

Dados Internacionais para Catalogação na Publicação (CIP)  
Biblioteca Pública do Espírito Santo

---

D359a Delmaschio, Andréia, 1969.  
Aboio de fantasmas / Andréia Delmaschio; coordenação gráfica  
e editorial de Márcia Selvátice Tourinho. – Vitória, ES : SECULT, 2014.  
132 p. ; 15 x 21 cm.

1. Literatura Brasileira - Contos. 2. Memórias. III. Título.

---

CDD:B869.301

# Novos horizontes e descobertas

A palavra é a mãe de todas as manifestações do engenho humano. É por meio delas que construímos nossos códigos de entendimento e absorção do mundo. Ainda que possamos manifestar-nos por meio da música e das artes visuais, são sempre elas, as palavras, as estruturas constituintes do nosso pensamento.

São dezenas de livros lançados pela Secretaria de Estado da Cultura desde o início do Governo Renato Casagrande, demonstrando a força e pujança de nossos escritores, sendo motivo de satisfação a publicação dos livros agraciados pelos Editais da Secult 2011 a 2013.

Narrativas curtas e longas, poesias, crônicas, contos, histórias em quadrinhos, obras para o público infanto-juvenil que integram esses lançamentos são uma mostra do quão talentosos e profícuos são os escritores que vivem e produzem nos dias de hoje no Espírito Santo. Por tudo isso, podemos afirmar que levar essas obras aos leitores da Grande Vitória e do interior do Estado é descortinar universos que promovem a elevação do espírito humano através da promoção da arte e da cultura.

Todas as obras editadas pela Secult, seja através de Editais ou de parcerias como as realizadas com o Instituto Sincades e outras instituições, são distribuídas em bibliotecas e escolas de todo o Espírito Santo. O lançamento destes livros, por exemplo, reafirma a política cultural de apoio permanente ao livro e ao estímulo à leitura do Governo Renato Casagrande. Assim como outras ações, como a Biblioteca Móvel – que leva livros e suporte para promoção de leitura a bairros em situação de risco da Grande Vitória dentro das ações do Estado Presente –, e a Biblioteca Transcol – que hoje conta com acervo de mais de 12 mil obras para empréstimo aos usuários do sistema de transporte público, distribuídos em 10 terminais rodoviários.

A todos desejamos uma excelente leitura. E que os horizontes descortinados pelos nossos escritores sejam sempre plenos de novas descobertas.

**Maurício José da Silva**

*Secretário de Estado da Cultura*



# A cada livro lido, um novo capítulo na história de vida de cada leitor

*“Meus filhos terão computadores, sim, mas antes terão livros. Sem livros, sem leitura, os nossos filhos serão incapazes de escrever - inclusive a sua própria história”.* Atribuída a Bill Gates, essa frase resume a contribuição, cada vez maior, do Instituto Sincades à publicação de livros, especialmente de autores capixabas.

O Instituto de Ação Social e Cultura Sincades – Instituto Sincades tem como principal foco de ação apoiar e fomentar a cultura capixaba em todas as suas manifestações

A parceria com o Governo do Estado do Espírito Santo, por meio da Secretaria de Estado da Cultura e da Biblioteca Estadual, tem sido profícua. O acesso gratuito às obras de autores capixabas e a distribuição de exemplares para as bibliotecas mais importantes do país e para as bibliotecas municipais capixabas democratizam e incentivam o saudável hábito da leitura. Ampliam o conhecimento de nossa produção literária, valorizam nossos autores e aproximam o autor do leitor.

Este livro, portanto, não é só mais um livro. É mais uma contribuição para que cada um de nós, leitores, possamos refletir e escrever a própria história que, após cada livro, vai se tornando cada vez mais rica.

Boa leitura.

**Idalberto Moro**

*Presidente do Instituto Sincades*



# Apresentação

Livro de memórias, *Aboio de fantasmas* é e não é ficção. Isso pouco importa – de verdade. Vale, para quem lê, como as palavras aparecem e o que elas dizem.

Aboio, sabemos, é aquele canto, plangente, com que vaqueiros conduzem a boiada. Fantasmas não existem. De modo que o título nos induz a pensar que o livro é um canto, algo monótono e melancólico, sobre coisas, fatos e seres que não existiram, porque fantasma é aquela “impressão de estar vendo alguém e em seguida descobrir que não havia ninguém ali” (“O medo do medo”). Virando letra, passou a haver.

Andréia Delmaschio entende, como poucos, das margens mínimas entre realidade e ficção, autor e narrador, narrador e personagem, vida e obra, gentes e fantasmas. Mínimas, mas persistentes. Quem há de arriscar quando uma, quando outra margem? O grande lance para o leitor pode ser deixar-se embalar pelo aboio, tornar-se ele também um fantasma, esse que está e não está.

Que é um pouco o que faz a própria Andréia, ao nomear, por exemplo, um personagem de Meupai, mesmo e outro pai dela e de todos. Afinal, os pais, personagens de nossas vidas, nos constituem, até o ponto de pais nos tornarmos também. Estas memórias são, sobretudo, familiares, por mais estranhos que sejam, e nos sejam, os familiares: filhos, pais, irmãos, avós, parentes em geral formam uma bizarra tribo (à qual, não nos esqueçamos, pertencemos).

Sendo de base memorialística, estes contos-crônicas dialogam com a tradição do *ubi sunt*, perguntando-se, a partir de cenas e imagens aparentemente corriqueiras, do porquê da finitude de tudo. Em “A maciez do ferro”, a cronista faz um aparte: “é curioso como, para descrever os objetos que nos acompanham no tempo, continuamos nos referindo à cor que tiveram um dia e, de dentro do box, pedimos que

nos joguem a toalha de banho marrom que ninguém é capaz de encontrar, porque agora são todas bege”. As neves de antanho, como Villon percebeu poeticamente, derreteram, se foram; agora, as cores desbotaram, o marrom virou bege: o tempo, sempre ele, roendo, sem dó, neves e cores.

No entanto, os textos de Andréia não têm pressa: é o modo de nos entreterem: falam de amor e morte, de insônia e escondido, de bicicleta e peixe, de horta e planta, acompanhados quase sempre dos fantasmas da família, de sua família que, confira-se, parece a nossa. Aqui e ali, há referências literárias que mostram um cadinho de seu gosto: Gertrude Stein, Wislawa Szymborska, Anne Ventura, Joan Didion, Fátima Guedes, Clarice Lispector se juntam a Chico Buarque, Manuel Bandeira, Evando Nascimento para darem a ver uma pequena mostra do repertório da autora.

Sinto que este brevíssimo prólogo ainda não deu uma ideia nem sequer razoável do que vem a ser *Aboio de fantasmas*. Do modo delicado e direto com que Andréia fala sobre temas muito difíceis (pobreza, violência, exploração, solidariedade, medo, machismo, infância etc.). Do tom a um tempo coloquial e lírico com que arruma as frases: “Tendo filhos pequenos, não posso ignorar a sutil fronteira entre o quarto cor de rosa e o canivete da esquina, a incerta distância entre a bela adormecida e a bala perdida” (“Kim Phuc”). Do prazer que tem em conversar com seu hipotético leitor, não em espantá-lo para longe do livro. Do olhar que lança para os detalhes, para o que pensávamos detalhes.

Sua escrita lembra, nesse sentido, as sinceras trapagens de Emília para seduzir seu leitor: “Quem escreve memórias arruma as coisas de jeito que o leitor fique fazendo uma alta ideia do escrevedor. Mas para isso ele não pode dizer a verdade, porque senão o leitor fica vendo que era um homem igual aos outros. Logo, tem de mentir com muita manha, para dar ideia de que está falando a verdade pura”. Mas, repito, esse papo de verdade e mentira é mais uma trapaga, manha,

artimanha da autora, que, tão-somente, quer, com este livro, responder à questão que é de todos: “se sairmos deixando o mundo exatamente como estava quando chegamos, não precisávamos ter vindo” (“Eu quero ser homem!”). O aboio de Andréia não seduz para a morte, feito o canto da sereia: ele entra pelos olhos e ouvidos, arranja um canto dentro da gente e ali fica, vivo, ruminante, fazendo a gente sentir que o mundo mudou e que, sim, valeu a pena ter vindo até aqui.

**Wilberth Salgueiro**

*Professor de Literatura brasileira na Universidade Federal do Espírito Santo e pesquisador-bolsista do CNPq*



*É tudo ficção. Mesmo o que realmente ocorreu. Qualquer semelhança com fatos ou pessoas reais é mera coincidência.*

*Melhor dizendo:*

*Tudo realmente ocorreu. Mesmo o que foi inventado. Qualquer dessemelhança com fatos ou pessoas reais é mera coincidência.*

# SUMÁRIO

## PRIMEIROS FANTASMAS

Maria Tomba Homem .....	21
A maciez do ferro .....	23
Cabelo de Bombрил .....	25
Andar de bicicleta .....	29
Sábado de Aleluia .....	31
No meio da noite .....	35

## DE SUPER-HERÓIS

*(Uma família inventada)*

Na casa dos girassóis (parte 1) .....	43
Na casa dos girassóis (parte 2) .....	47
Alex e o pedinte .....	49
Superalex .....	51
Minha mãe .....	55
Vovó vendeu os ovos .....	57

## **FANTASMAS NOTURNOS**

Não tentem fazer em casa .....	65
Os olhos do capitão .....	67
A coisa .....	69
Alguns pesadelos .....	71
Amanhecer enfermo .....	73
Zumbis .....	75
O medo do medo .....	77
Cearenses passeais .....	81
Começar a morrer .....	83

## **ESTRANHOS FAMILIARES**

Ápice .....	91
Beto .....	93
Eu quero ser homem! .....	95
Eles e elas .....	99
Kim Phuc .....	101

## **NOVOS FANTASMAS**

Joga a chave .....	109
Cinco minutos de tevê aberta – no período da manhã .....	113
O panfleto .....	115
Barriendo la basura .....	117
Se eu morresse amanhã .....	119
Do amor .....	125
Historinha retrocessa .....	129





# PRIMEIROS FANTASMAS



*Há uma coisa muito engraçada, as pessoas são felizes razoavelmente felizes a vida inteira é razoavelmente divertida e a maioria das pessoas gosta de viver mas se você mantém um diário quando você é jovem quando você não é tão jovem quando você tem meia-idade ou quando você está mais velho ele soa como se sua vida não tivesse sido feliz. (...) Se você escreve (...) sobre si mesmo ou alguma pessoa soa como se você fosse muito infeliz e muito amargo mas de uma maneira geral todas as pessoas que estão vivas têm muitos bons momentos na vida, se não por que não, mas geralmente têm. Qualquer vida que você olhe parece infeliz mas qualquer vida vivida é bastante alegre, e seja o que for que aconteça ela continua sendo assim.*

**(Gertrude Stein. Autobiografia de todo mundo)**



# MARIA TOMBA HOMEM

Mil novecentos e setenta e poucos. Fim de tarde na Vila Velha. Pelas ruas de Ataíde retorno da escola em direção à Ilha das Flores, o sol na nuca feito um farol alto. De certo modo, até hoje procuro aquela ilha. Ou talvez eu ainda esteja parada na porta do armazém, cabisbaixa e boquiaberta, no momento em que a sombra se agiganta à minha frente, tomando posse da calçada e petrificando-me o corpo ao fincar na terra, por entre os dedos do meu pé, uma vara longa e delgada.

É Maria Tomba Homem. Seu nome, quando pronunciado em voz alta, na escola, fazia tremer inteira a lista de chamada. Desde então ela passa repetidamente diante dos meus olhos, encabeçando a fila de gigantes disformes que ainda habita os meus sonhos diurnos.



# A MACIEZ DO FERRO

Meus irmãos e eu éramos, quando crianças, catadores de ferro. Sim, exatamente como os atuais catadores de lata ou papelão. Não me lembro do que fazíamos – se éramos nós que fazíamos – com o dinheiro da venda dos grandes nacos pretos coletados nos terrenos baldios do nosso bairro suburbano. Lembro mesmo é do som macio que saía do ferro pisado pela conguinha vermelha desbotada (é curioso como, para descrever os objetos que nos acompanham no tempo, continuamos nos referindo à cor que tiveram um dia e, de dentro do box, pedimos que nos joguem a toalha de banho marrom que ninguém é capaz de encontrar, porque agora são todas bege). Recordo o paradoxo sinestésico da maciez do ferro, amontoado em pedaços que se entrechocavam sob os pés, emitindo o som agradabilíssimo.

Nunca fui uma grande coletora. Embora por um tempo tenha me dedicado com afinco, jamais consegui um quarto sequer da produtividade de um dos irmãos mais velhos, e confundia, muitas vezes, o ferro com outras pedras escuras, o que fez, ao final, com que me excluíssem daquele trabalho, que para eles era duro e, para mim, macio.

Principalmente não me esqueci de que vivia uma contradição: se recolhesse muito ferro, não tinha como carregá-lo, por ser extremamente pesado; se recolhesse pouco, ao fim do dia tinha de juntá-lo com o resto, para melhor acondicionamento, na sacola de um dos meus irmãos, perdendo assim o mérito pelo trabalho realizado. Era o velho problema de juntar e não poder carregar. E provavelmente me prejudicava a pouca idade. Além da inexistência do estímulo de ao menos saber em quê seria investido o dinheiro conseguido com a venda do ferro. Enfim, nunca me disseram a que servia aquele trabalho, para mim de Sísifo, para os irmãos, de Hércules.

Não tenho nem mesmo lembrança (se é que um dia soube) do modo como todo aquele ferro teria ido parar nos acostamentos e cantões da Vila Garrido. Será que essa mesma mineradora que hoje entope os nossos pulmões e encanamentos com pó de minério saía discretamente, na década de setenta, espalhando os detritos da pelletização próximo à morada dos pobres?

Aquele trabalho vem à lembrança como algo por muito tempo continuado, diferente de quando, por exemplo, tombava perto de casa um caminhão com qualquer outra mercadoria, que tinha de ser recolhida rápida e sorrateiramente.

As tardes de caras e mãos encardidas entre os meus irmãos permanecem na memória como fotografias em preto e branco, habitam o mesmo lugar que os finais de semana em que eu acompanhava Meupai, de madrugada, até a obra onde fazia os seus bicos, e as noites em que mamãe me pendurava ao colo, enrolada num lençol, embalando-me o sono com o barulho e o tremor da máquina de costura.

# CABELO DE BOMBRIL

Meu filho se atrapalha com sandálias e tênis. Seus pés, compridos e finos – idênticos aos meus em cada traço, veia, canto de unha –, quando calçados parecem se ampliar para os lados junto com a borracha da papete, e então ele se desequilibra, toca nas coisas, tropeça e cai; foi feito para andar descalço. Em compensação, deve poder escalar pedras com leveza e argúcia. Feito um gavião ou um bode. Mais uma vez, tal qual a mãe.

Eu mesma, embora não tire os chinelos sequer para o banho, usando tênis me sinto um alien: tenho medo de tropeçar na porta da sala de aula e cair direto lá dentro, em meio à gargalhada dos alunos. Acontece mesmo de, por vezes, enquanto caminho, um pé esbarrar no outro, embora o seu alinhamento seja perfeito. Nunca me acostumei a esses tênis rechonchudos que todos usam, aparentemente gozando de um grande conforto. O último par que comprei está intacto no armário há exatos dez anos. É possível que a borracha tenha ressecado ou que não me sirvam mais, porque, ao contrário do que dizem, o corpo muda sempre – antes e depois dos quarenta.

Ter vivido a adolescência nos anos oitenta sem calçar um par de tênis parece estranho, hoje, mesmo para mim, porém mais me assusta saber que cheguei aos dezoito sem ter vestido nunca os jeans onipresentes, outro incômodo hereditário no corpo de meu pequeno filho.

A mais antiga lembrança que trago comigo sobre gostos comuns e gostos exóticos diz respeito a uma criança pobre, porém, contudo, todavia filha de costureira, o que muda muita coisa no mundo das aparências, ou seja, no mundo. Devo ter desejado, sim, me embrulhar em justos blue jeans, como fazia a maioria das garotas da minha idade, mas não devo ter exposto a minha vontade com força suficiente, que naquele tempo a imposição do consumo não tinha a potência

de hoje. Além do mais, seria uma dupla afronta rejeitar as saias floridas e coloridas e os vestidos rendados tão lindos, e principalmente baratos, que a mamãe me fazia. É certo que, às vezes, ela exagerava um pouco e eu ia à escola, digamos, um pouco bonita demais.

Lembro-me principalmente da ocasião em que, assinante que ela era de revistas de moda e costureira das mais requisitadas na Vila Velha, resolveu estender o seu bom gosto até os meus longos cabelos, sendo que nessa área não se saía tão bem: construiu ali um coque alto, tipo B-52 que, aos oito anos de idade, quase me matou de raiva e vergonha. E medo de que os colegas descobrissem que, por baixo da banana brilhosa composta de fios lisíssimos, havia nada mais, nada menos que uma bucha de Bombril, desempenhando sua milésima segunda utilidade.

Desgraça. Infelicidade. Os passos da armadilha já eram conhecidos: ao primeiro sinal da volúpia estética de mamãe, eu tentava fugir, me escondendo em algum canto da casa ou do quintal, mas cedia logo depois, contrariada e entre lágrimas, diante do seu empenho e do contentamento prévio que demonstrava em ver a filha tão bem arrumada. Obedecia sem que ela precisasse de qualquer outro argumento além do seu natural poder de mãe.

Naquele dia, ao caminhar em direção ao colégio, onde me encontraria com a maioria pobre e negra dos colegas para o capítulo mais ridículo de uma já difícil relação, eu sentia no ouvido, feito o vibrar de um violino funéreo, o ranger dos finos fios da bucha de aço.

Lá pelas proximidades do intervalo para recreio, o embuste do meu alto coque foi descoberto, pinçado pelos dedos atrozos de um garoto mais velho, puxado, espalhado pela sala e, inclusive, lançado, às chusmas, no ventilador do teto.

Os ecos daquele evento perseguiram-me pelo resto do ano. Naquele dia eu odiei minha mãe, como em tantos outros. Mas foi bom, para sentir de uma só vez como é ter cabelo de Bombril\* e ser humilhado em público.

*\* “Cabelo de Bombril! Cabelo de Bombril!” era um grito coletivo muito comum – e não repreendido – na década de setenta, entoado igualmente por todas as etnias, e que se erguia diante dos colegas negros nas mais variadas situações, com o único intuito de humilhar.*



# ANDAR DE BICICLETA

Quando eu aprendi a andar de bicicleta, beirava os oito anos de idade. A família era pobre e o acesso a um velocípede ou a uma bicicleta com rodinhas era impensável. Até que um dia apareceu a bicicletinha verde para conserto: Meupai, para complementar o orçamento, tinha que fazer os seus bicos consertando coisas. Além de marceneiro e pedreiro, ele era eletricista e mecânico – em tudo autodidata.

A pequena bicicleta sem marca estava arranhada e trazia o selim em pandarecos, além de não ter os pedais – e acho que era justo isso o que pediram que Meupai colocasse nela –, mas a mim pareceu deslumbrante.

Tendo o conserto durado mais que o esperado, devido à grande demanda de serviços que havia na lista de espera, eu enfim aprendi a andar de bicicleta. Numa bicicleta sem os pedais.

Como o nosso quintal era em declive, subia empurrando-a até o alto do pequeno morro e depois descia de lá voando, com as pernas abertas em tesoura e o corpo arrempiado de medo e prazer. Não me lembro de ter caído nenhuma vez e parece mesmo uma boa técnica para aprender a se equilibrar. É claro que é preciso ir dosando gradativamente a altura, subindo, a cada dia, um metro a mais.

A pedalar mesmo só fui aprender na adolescência, mas andar de bicicleta me pareceu então um fraco arremedo daquela emoção que conheci na infância.



# SÁBADO DE ALELUIA

Nada prenunciava um dia incomum. Meupai trabalhava desde cedo na casa de ferramentas, com sua cara de lata. Minha mãe costurava no salão, ao lado da casa, ouvindo a rádio Cariacica, por meio da qual, anos depois, eu me deleitaria com as lendas e canções do Projeto Minerva.

Era Sábado de Aleluia, um dia ensolarado como parecem ter sido quase todos os da minha infância, vivida entre o manguezal e um coqueiral entremeado de barracos que Meupai havia construído e que agora eram alugados a famílias nordestinas que tinham migrado para o sudeste buscando trabalho em companhias como a Vale, conhecida então como CVRD.

Estávamos no início da década de setenta. Eu tinha quatro ou cinco anos e vivia fascinada com as linhas coloridas com que minha mãe bordava girassóis e colibris nas barras das calças boca-de-sino das jovens vizinhas influenciadas pela onda hippie.

Eu tinha me escondido no galpão abandonado, anexo à casa de ferramentas, onde gostava de apreciar, àquela hora da manhã, os riscos de luz amarela que passavam pelas frestas e se projetavam sobre os montes de madeira, incendiando no ar a poeira que se erguia quando eu batia neles com a ponta de uma ripa. O galpão era escuro e o calor lá dentro só era mesmo suportável no início da manhã.

De repente escutei quando Meupai, no cômodo ao lado, soltou um estranho grunhido, e temi que enfim tivesse descoberto meu esconderijo. Como demorava em se aproximar, prendi a respiração e, percebendo que era outra a razão do gemido, ergui-me do canto onde estava e encostei a face numa das gretas para olhar lá fora. Naquele ponto a madeira, tendo sido esfiapada durante o corte, semelha-va uma escova muito dura. Apertei o rosto contra a tábua gretada,

para conseguir um ângulo mais aberto do cenário. Daqui para a frente – caso saia – este relato me sairá a custo.

E foi então que vi Meupai, forte e peludo, deixar a casa de ferramentas bufando. Levava numa das mãos um feixe de fios amarelos que imediatamente reconheci como sendo os restos da instalação elétrica do último barraco que havia construído.

No instante seguinte vi o mendigo cambaleante que animava o fundo daquele quadro vivo. O homem era maltrapilho e já grisalho, e não conseguia parar de pé, estando por certo muito bêbado.

Meupai, jovem e lépido, cruzou o quintal e chegou-se a ele em questão de segundos, apanhando-o ainda no que seria, caso o bairro fosse urbanizado, a calçada, portanto já no limiar do nosso amplo quintal. Sem dirigir-lhe uma palavra, ergueu o braço o mais alto que pôde e baixou sobre o homem a primeira saraivada de fios, depois a segunda e a terceira, e assim sucessivamente, até que pareceu extenuado. Os movimentos eram tão rápidos que estancaram-me a respiração.

Meus olhos queriam comer a madeira, como se ver pudesse me esclarecer aquele equívoco. Não, o homem chamado Meupai não podia estar espancando aquele outro, indefeso cambaleante. Mas os olhos não mentiam. Meupai despejava toda a sua fúria contra o outro, que agora já rolava no chão. Um calafrio percorreu-me o corpo. Meupai não via o sangue sobre a pele do homem?

Em questão de segundos não pude mais olhar. Engoli algo amargo e seco, feito um bolo de pó de madeira, e corri à procura de mamãe, que estranhou a minha palidez e foi atrás de um copo d'água com açúcar.

Naquela noite não pude dormir. Nem nas noites seguintes. Até hoje ainda não durmo direito. Minha mãe, que sempre recriminou o hábito disseminado de se malhar o Judas, também sofreu nas entranhas aquele Sábado de Aleluia.

Nos dias seguintes, e enquanto ecoou a notícia da surra pela vizinhança, Meupai afirmou que o homem havia tentado molestar uma das suas inquilinas adolescentes. Do alto dos meus cinco anos, contrariei o homem justo à mesa do jantar, dizendo que tinha visto o espancamento. Meupai se transformou diante dos meus olhos. Visivelmente irritado, bufando, parecia um urso ferido. Disse algo como a filha preferir, a ele, um mendigo, culpou a minha mãe por isso e aquilo e acrescentou que, da próxima vez, deixaria que invadissem o quintal, a casa etc. Tive medo de olhá-lo nos olhos: se agia assim com o velho fraco que trazia na sacola um passado desconhecido, pensei, o que não faria comigo, cuja vida lhe tinha tomado de empréstimo?

Meupai também saiu lanhado daquele Sábado de Aleluia.



# NO MEIO DA NOITE

Quando tinha a mesma idade que têm hoje os meus filhos, do mesmo modo e com a mesma frequência que um deles, eu sempre corria, no meio da noite, para a cama de minha mãe. Até onde consigo lembrar, a sua índole diurna, por vezes irritadiça, à noite, mesmo depois de um dia exaustivo ao pé da máquina de costura e das clientes – invariavelmente fúteis e chatas, assim como também já me pareciam, naquela época, os assuntos que se propunham discutir (cor, textura, trama, modelo, caimento) –, jamais foi alquebrada por um grito de rechaço à criança amedrontada que eu fui, ou por qualquer outro rasgo de impaciência diante da minha precoce vida noturna.

Não digo que ela fosse uma santa resignada; nem que devotasse aos filhos uma cota infinda de atenção. Ao contrário: estou certa de que habitavam nela – que, antes de ser mãe, era mulher e pobre – tanto a necessidade cruciante de prover a nossa subsistência quanto a ânsia por alguma liberdade da sua difícil condição.

No entanto, no meio da noite, a sua voz firme e tranquila, vinda do escuro insondável do quarto, abatia gigantes e fantasmas. Sua cama era a fortaleza contra os monstros do pesadelo. Aconchegada ao calor do seu corpo, eu fui, um dia, imortal. Dali, nem deus nem o diabo me arrancariam. O hálito doce de mamãe abria um halo onde eu fruía a calma e a certeza de uma noite inteira de sono suave e profundo.

Essa sua delicada firmeza em me atender sempre com paciência, no meio da noite, não me curou da insônia, que ainda hoje me faz companhia, mas criou como que um arcabouço psíquico para as futuras noites de desespero.

Quando uma criança desperta, à noite, envolta em pavor, é preciso que o aconchego lhe chegue rápido e seguro, contra a moda psicológica do adultismo e da contenção.

Assombradas pelo próprio inconsciente, as crianças não usam o pavor como moeda de troca, tamanho o monstro contra o qual já se debatem; para sabê-lo, basta olhá-las nos olhos. E ainda que o risco fosse entrar nesse comércio, seria preferível corrê-lo. No meio da noite, jamais bramar. Basta a cada um o seu próprio demônio.





DE SUPER-HERÓIS  
(UMA FAMÍLIA INVENTADA)



*Devo muito  
Aos que não amo.  
O alívio de aceitar  
Que sejam mais próximos de outrem.  
A alegria de não ser eu  
O lobo de suas ovelhas.  
A paz que tenho com eles  
E a liberdade com eles.  
Isso o amor não pode dar  
Nem consegue tirar.*

**(Wisława Szymborska. “Agradecimento”. In: Poemas)**



# NA CASA DOS CIRASSÓIS (PARTE I)

Assim que mamãe voltou definitivamente ao campo, os quatro irmãos iam com muita frequência e entusiasmo visitá-la. A casa recém-adquirida estava ainda arruinada, com pouco conforto, e o sítio nada mais era que um grande quintal pelado, cortado por um córrego de cuja borda saía o ficus gigante, redundante, que hoje é o marco de entrada para o seu pequeno oásis, bem no meio do deserto em que se transformou essa parte do Estado. Nenhuma vegetação havia ali, além de dois coqueiros corriqueiros, doentes e improdutivos, hoje já derrubados pelas lagartas, e uns pezinhos de jiló que amargavam a alma.

A primeira atitude de mamãe, tendo apenas se mudado para o sítio, foi plantar uma extensa carreira de girassóis na beira da estrada e outra em volta da casa. As fotos que fiz na época mostram a força daquela terra, até então dormente, revelada na beleza das flores gigantes, além da enorme ausência de senso prático da proprietária, que preferiu começar a urgente reforma justo pelo jardim.

Ao desvanecer-se o apelo inicial da novidade, com o natural e paulatino rareamento das nossas visitas, pudemos ver melhor o progresso que ocorria ali. Em pouco mais de um ano a casa tinha sido ampliada e as plantas cresceram por todo o quintal.

À direita de quem entra ficava a horta; à esquerda, o canteiro de plantas medicinais, menina dos olhos de mamãe e minha.

Nos fundos começavam a crescer, de um lado, o cafezal; de outro, as bananeiras e a batata doce, alternando, depois, com o milho e o feijão e, futuramente, com a cana-de-açúcar e a araruta. No brejo, próximo do córrego, o primeiro arroz já estava pronto para a colheita. E mais: o ansiado pomar cobria todo o terreno, e incluía

não somente as previsíveis jaca, manga, goiaba, laranja, abacate, cajá, graviola, jabuticaba, pitanga, limão, abacaxi, jamelão e acerola, mas também frutas raras para o lugar, como a lichia, o abil amarelo e o roxo, a ameixa, o caqui e a laranjinha kin-kan, além dos difíceis figo, pêssago e maçã, esta última tendo se negado sempre a produzir numa região em que jamais se viu sequer uma goiaba graúda, ou mesmo uma graviola sem bicho... Até que a velha senhora, sozinha, se instalou no local.

Numa dessas ocasiões em que lá nos reunimos, estávamos todos sentados no chão da varanda que apenas terminamos de caiar, comemorando o fim do trabalho e meio embriagados de garapa com torresmo, quando percebemos que, revoando em torno da roseira principal do canteiro que antecedia a porta de entrada, um pássaro de pequeno porte gritava desesperado.

Alex, o irmão caçula, sempre diligente com gentes e bichos, ergueu-se rápido nas suas platinas e chegou o mais próximo que pôde. Era uma cara inquisidora tentando entender a razão da gritaria da cambucira – assim ele a designou, que eu, de pássaros, entendo menos do que gostaria. E olhou daqui, olhou dali... O bicho parecia mesmo pedir ajuda; seus gritos estufavam o pequeno peito e estendiam-se, cortantes, pelo ar.

Chegamos a buscar mamãe onde se encontrava, para solicitar-lhe a larga experiência, acreditando que poderia nos iluminar sobre a razão da balbúrdia. O problema da experiência é que, com o tempo, ela pode virar um calo, e mamãe afirmou que aquele pássaro é assim mesmo, faz algazarra por pouca coisa. Deixa isso pra lá, vamos cuidar do nosso serviço... Ela queria a nossa ajuda no grande forno de barro onde assava os pães para o lanche da tarde, porque ela também tem seu lado prático, mas os românticos Tarzans e Peter Pans

e Robin Hoods que criou não arredamos pé enquanto não descobrimos o segredo do pássaro desesperado.

Logo percebemos que encrustado na roseira havia um ninho, certamente da cambucira, habitado por um filhote ainda sem plumas. A mãe pulava para ali, rápida, beliscava o pequeno, como se quisesse erguê-lo no ar, molinho que era, e voltava a soltá-lo na pequena cama côncava de capim seco. Nós acompanhávamos impotentes a sua movimentação, porque, ao primeiro sinal de aproximação, ela parecia se exasperar ainda mais. Em pouco tempo no entanto começaram a aparecer outros pássaros se agitando em torno do ninho – lembro-me de, ao menos, mais uma cambucira, e, curiosamente, dois ou três beija-flores. Aquela associação entre espécies diferentes, não sei por que razão, me pareceu assombrosa...

Todos eles gritavam e beliscavam o filhote. Para nós era um espetáculo novo e completamente ininteligível. Tive pena do recém-nascido e uma vontade enorme de protegê-lo de tantas bicadas agressivas, mas não me senti no direito de interferir naquilo que nem mesmo compreendia o que era. Alex, apesar de visivelmente contrariado, decretou: “Deixa, que a mãe sabe o que faz!”. A saraivada de bicos curtos e longos durou alguns poucos minutos, que no entanto pareciam um século para a nossa espera embotada, sem qualquer entendimento do caso.

Foi quando, súbito, a gritaria se acelerou, e também os ataques à pequena cambucira, todos lhe metendo os bicos ao mesmo tempo. A violência daquilo já nos amargurava, quando de repente cessou todo o barulho e vimos uma cobra camuflada, pele idêntica à casca do galho, abocanhando o filhote implume e logo depois descendo da planta espinhosa num rastejo lento de animal saciado, os pezinhos do bebê-pássaro despontando ainda entre os dentes.



# NA CASA DOS GIRASSÓIS (PARTE 2)

Alex leu o texto sobre a morte do pássaro, que illustrei, no blog, com foto de sua autoria, e, assim que nos encontramos, perguntou sobre aquela passagem que eu omiti.

– Qual?, indaguei.

– Você não se lembra mesmo? Ah, quem dera eu tivesse esquecido também! E narrou-me algo já completamente apagado da memória:

– Eu, com pena do pássaro, devolvi-o ao ninho, assim que os colibris o lançaram ao chão tentando defendê-lo do ataque da cobra! Fui eu o responsável pela morte do bicho!

E assim se revelou, de todo o acontecido, o fato que, aparentemente, fornecia a melhor matéria para a escrita. Aquilo que daria à crônica o bom desfecho foi simplesmente omitido, apagado, esquecido. Marcou-me tanto a conspiração dos pássaros para salvamento extraespécie que não me lembrei absolutamente da nossa interferência. Ou então a mente arquitetou um mecanismo de menos-culpa, para manter a lembrança suave dos dias de férias no campo.

Penso em quanto esquecimento, quanta deturpação... e na impossibilidade sem tamanho de recuperarmos o dito acontecido. E saber que tirei tanto prazer de lembrar e relatar! Gostei especialmente de replantar no texto o pomar inteiro de mamãe, e, quiçá, concluo agora, frutas que lá nunca existiram...

Há pouco, ao reler o texto, sorvi o cheiro do manjeriço vindo direto do canteiro... Senti nas mãos a casca grossa das sementes do girassol... Tive ainda uma vez nos dentes a trava azeda do maracujá...

Mas pode ser que as fotos dos grandes girassóis tenham sido tomadas de outra paisagem...

E me esqueci de que Alex, entre condoído e confuso, apanhou do chão de terra o pequeno pássaro e devolveu-o, cuidadosamente, ao ninho, entregando-o, por suas próprias mãos amorosas, ao apetite peçonhento do destino.

# ALEX E O PEDINTE

Alex tinha ido ao toalete quando fomos enfim atendidos pelo garçom mal-humorado, que depositou na mesa, brutalmente, as quatro sopeiras fumegantes. Sem esperar que o amigo retornasse, começamos a tomar o nosso caldo de feijão, deixando o seu a mornar por ali.

As mesas do bar ficavam num platô acima do nível da rua, o que nos deixava sentados na mesma altura das cabeças dos passantes. Foi então que surgiu, do nada, o homem maltrapilho, que sem cerimônias estendeu o braço magro por cima da murada e começou a sorver, em grandes colheradas, o mais vulgar e saboroso dos acepipes que cabem no bolso de um estudante.

Naquele dia resolvemos não beber. Era uma noite fria como poucas o são por aqui. Os clientes do bar ficaram todos visivelmente constrangidos com a ousadia do pedinte que não pedia; alguns demonstravam, por meio de gemidos endógenos, a sua indignação com a distração dos administradores, que não expulsavam dali aquele estorvo; outros, creio, se angustiavam, no íntimo, com a visão mais próxima que teriam, naquela noite, da brutal dessemelhança, ainda que marcada apenas pelo acesso a um pouco de feijão batido e, principalmente, pelo poder de entrar num bar.

Nós, na mesa, nos entreolhávamos silentes, numa mistura de vergonha pela nossa condição de plenos comedores, até então adolescentemente ridentes, e ao mesmo tempo por sermos os anfitriões involuntários do conflito surdo e de desfecho imprevisível que aos poucos, às colheradas, se instalava. Temíamos especialmente pela reação de Alex quando retornasse, no auge dos seus dezoito anos, transbordante de testosterona, e se deparasse com o estranho devorando o seu pedido tão longamente esperado.

Logo a seguir ele chegou, ainda arrumando a camisa sob o jeans, e, sem nos lançar sequer um olhar, sinalizou para o homem, que lhe entregasse a colher. O outro foi automático, cabisbaixo.

Sério, sem qualquer traço de altivez, afetação ou divertimento com a difícil situação que o acaso lhe armara, Alex provou uma primeira colherada. Em seguida, serviu o homem, na boca, e com a mesma colher. Tomou a terceira, serviu a quarta, e assim foram, até o fim, tranquilos, visivelmente contentes, irmanados no seu caldo quente. Em torno, em silêncio, todos nós acompanhávamos, boquiabertos, cada um daqueles gestos inesperados.

# SUPERALEX

Não por acaso lembrei-me muito, nos últimos dias, de algumas das dicas que me deu, vida afora, o querido Alex. Sendo embora o irmão caçula, ele sempre conseguiu ser também, sem esforço, o que mais ensina – ao menos a mim, que talvez por inata afinidade, talvez pela proximidade geracional, tive a sorte de, até que nos afastassem alguns imperativos categóricos, conviver com ele mais constante e intimamente que os demais.

Uma dica de que não me esquecerei é que “Você nunca deve levar mais coisas do que pode carregar sozinha”. É do tempo em que acampávamos juntos, indo de ônibus de Vitória a Matilde ou ao Rio Bonito, e até hoje muito me auxilia, no dia a dia com crianças e hérnias de disco.

Foi também na juventude, ao final de algum namoro significativo, estando imersa ainda na rebarba ultrarromântica de tédio e desesperança, que ouvi dele a previsão (essa de ordem nada prática) de que “A vida ainda vai te surpreender muito”. E não é que ele tinha razão? O mais difícil sempre foi mesmo perceber o óbvio.

Nesses últimos tempos porém o que mais alto me saltou da caixa-de-boneco-bobo-das-lembranças foi algo que lhe ouvi ao fim de uma das nossas aventuras bem-sucedidas e de cujo contexto já não consigo me lembrar com clareza: “Se alguém lhe pede ajuda, não importa quem seja, você tem a obrigação de ajudar”. Poderia, obviamente, ser apenas mais uma frase entre outras, dessas que dizemos quando queremos impressionar com a nossa vasta bondade ou sabedoria. Mas não! O que impressiona no meu irmão, matemático mecânico pescador, é a incomensurável capacidade de, dando conta de um cotidiano repleto de obrigações enfadonhas, tarefas difíceis e resoluções por vezes dolorosas, encontrar condições para auxiliar aqueles

que lhe estão no entorno, sempre que lhe estendem a mão. (Porque também, convenhamos, saber pedir ajuda é necessário, embora seja desnecessário dizer isso a quem está realmente necessitado, sendo automático o aprendizado. Não vale é ressentir-se de não ter recebido ajuda se o orgulho foi maior que a coragem de solicitá-la).

Foi desse modo quando afundei o carro nas areias de Manguinhos... Em minutos, lá estava o Superalex (um dos meus antigos namorados, invejoso e enciumado, apelidou-o assim, mas, quando os valores reais superam mesquinhas intenções, mesmo a ironia se torna verdadeiro – e ainda insuficiente – elogio). E também quando o mesmo velho carro deu defeito nas profundezas de Accioly. Às sete da manhã, lá estava ele com peças novas para o motor, delicadeza de modos e o seu largo sorriso, como se nos reencontrarmos – mesmo naquelas circunstâncias – fosse uma festa!

E foi sempre da mesma maneira, todas as vezes em que a tarefa parecia (e era) demasiada para seres humanos comuns. Algo como, por exemplo, fazer mudanças, transportar grandes volumes (ou então encomendas frágeis demais), criar soluções artesanais para impossíveis espaços, guardar segredos tacitamente divididos, socorrer crianças, apagar incêndios... E outras situações delicadas que não ficaria bem relatar aqui.

Porém o que impressiona (e alegre, vitaliza, faz crer na vida) é menos a pronta atitude e a enorme competência para nos desenredar das armadilhas de tempo e de lata. O que vale mais, de verdade, e alcança na gente um centro também irradiador de grande boa vontade é ver, nos seus olhos verde-paris, primeiro a leitura atenta do nosso estado de alma (ao qual, antes de tudo, ele lança uma corda, porque à sua sensibilidade não escapa que atolar um carro, tanto quanto terminar um namoro, podem significar grande sofrimento para alguém – nunca o vi menosprezar a dor alheia), e depois a real satisfação que se nota nele por ter conseguido, simplesmente, ajudar.

Daí advenha talvez, por outro lado, a gratidão que fez questão de demonstrar publicamente aos profissionais que o salvaram após o seu mais grave acidente de trânsito, quando tinha ainda dezoito anos, desembrulhando-o da dura ferragem.

A lembrança de cada uma dessas ocasiões (e foram tantas, que muitas se perderam na corredeira do esquecimento) retorna quando passo por grandes apuros. E mesmo a cada vez que simplesmente penso nele. Quando será que precisa de ajuda? Por que razão ele mesmo não aparenta quase nunca nos necessitar?



# MINHA MÃE

Minha mãe sempre foi o signo da delicadeza. Apesar de ter vivido a infância no mais íngreme dos campos capixabas, filha de agricultores imigrantes, é daquela estirpe de gente que – afora todas as contradições inerentes ao humano – emana elegância.

Na sua juventude, foi uma mulher nervosa, por vezes destemperada. Como não estou certa de que as doenças e similares existam antes de sua criação linguística, não sei dizer se a tensão pré-menstrual guiava os seus achaques, que, contudo, me pareciam – ou hoje parece a mim terem sido – rigorosamente mensais. Mesmo porque isso se passou antes da disseminação dos variados métodos contraceptivos e muito antes de que se falasse em TPM.

Mamãe não se sentou num banco de escola por mais de seis meses. Foi na época em que se escrevia em pedra (sim, uma pedra preta era usada à guisa de caderno, não de lousa), mas aprendeu a se expressar por escrito com firme clareza, internalizando depois algumas normas, todas elas a partir das correções que fazíamos sobre os bilhetes que ela deixava ao sair, de manhã, para o salão de costura, dando ordens (anos mais tarde eram apenas dicas) sobre os afazeres da casa que ficavam ao encargo de cada um dos filhos.

Nós, depois de lermos, secundávamos sutil e respeitosa, acentuando, pontuando, corrigindo e devolvendo o bilhete ao imã gasto do refrigerador.

Naquela mesma idade da pedra ela aprendera, com desenvoltura, as quatro operações, o que foi de muita utilidade depois, na minha própria introdução ao mundo do cálculo. E, apesar da sua destemperança nos anos iniciais do nosso convívio consciente, minha mãe

raramente elevava a voz, jamais dizia um palavrão. Até hoje é delicada no falar, no comer, no vestir...

Ainda assim levamos tapas e chineladas inesquecíveis. É possível mesmo que ela possua todos os defeitos comuns à maioria das pessoas, mas, com sua singeleza de modos, conseguiu marcar em mim essa lembrança, que creio destoar daquela que guarde, por exemplo, minha irmã. Não importa agora cada tomo que venha a deixar, o conjunto da obra é essa doce porém firme memória que já se forma – e que permanecerá.

Semialfabetizada embora, minha mãe leu todos os escritos que publiquei, impressionando-me com suas perguntas e comentários, mesmo sobre aqueles textos mais desprovidos da fácil atratividade do enredo. Na última visita que nos fez, surpreendi-a às gargalhadas lacrimejantes, no escritório, lendo nada menos que o Turandot!

Minha mãe foi pobre, cozinhou em fogão a lenha, casou-se sem paixão... Conseguiu, mesmo assim ou por isso mesmo, insuflar em nós o amor pela liberdade, apesar de nunca ter conquistado o desejo – para outros tão prosaico – de estudar e tornar-se professora, e embora nem mesmo tenha realizado o feito simples de aprender a guiar um carro...

Hoje, ela vive uma funda religiosidade, para além de sua experimentação nas religiões, mas nunca discriminou ou recriminou os filhos ateus, nem jamais nos obrigou a frequentar a igreja. Sua inteligência lhe beneficia, ao menos, com o direito à dúvida. Minha mãe fala sobre sexualidade, tem opiniões e curiosidades políticas. Mais que tudo, tem humor e, mesmo antes de ter conhecido o fantasma do câncer – e como que se preparando já para enfrentá-lo –, não se apavorou com a descoberta das nossas (por vezes perigosas) experimentações juvenis, chegando mesmo a distribuir preservativos em casa e a oferecer-se, carinhosamente, para plantar umas sementinhas de maconha: “Se é uma planta, vou cultivá-la como a todas as outras!”

# VOVÓ VENDEU OS OVOS

*A dona Leonilda foi à cidade vender os ovos...*

Desliguei o telefone enfeitçada com a notícia: minha velha mãe acordou cedo – como de costume – e levou seis dúzias de ovos até a cidade mais próxima, a uns vinte quilômetros do sítio.

– *Crianças, vovó vendeu os ovos!*, anunciei em voz alta, apenas para saborear as palavras ouvidas, sua assonância prosaica, que me fez lembrar as primeiras sentenças da antiga cartilha de alfabetização...

Mas não se trata de uma frase, apenas. Quando nos falamos, algumas horas depois, ela estava contente. Sua voz irradiava a alegria daqueles que, por meio de uma ação simples, podem dar o melhor destino possível a alguma coisa. E, segundo ela, nem foi pelo dinheiro: – *Eu não podia deixar se estragarem tantos ovos! As galinhas põem quase duas dúzias por dia!*

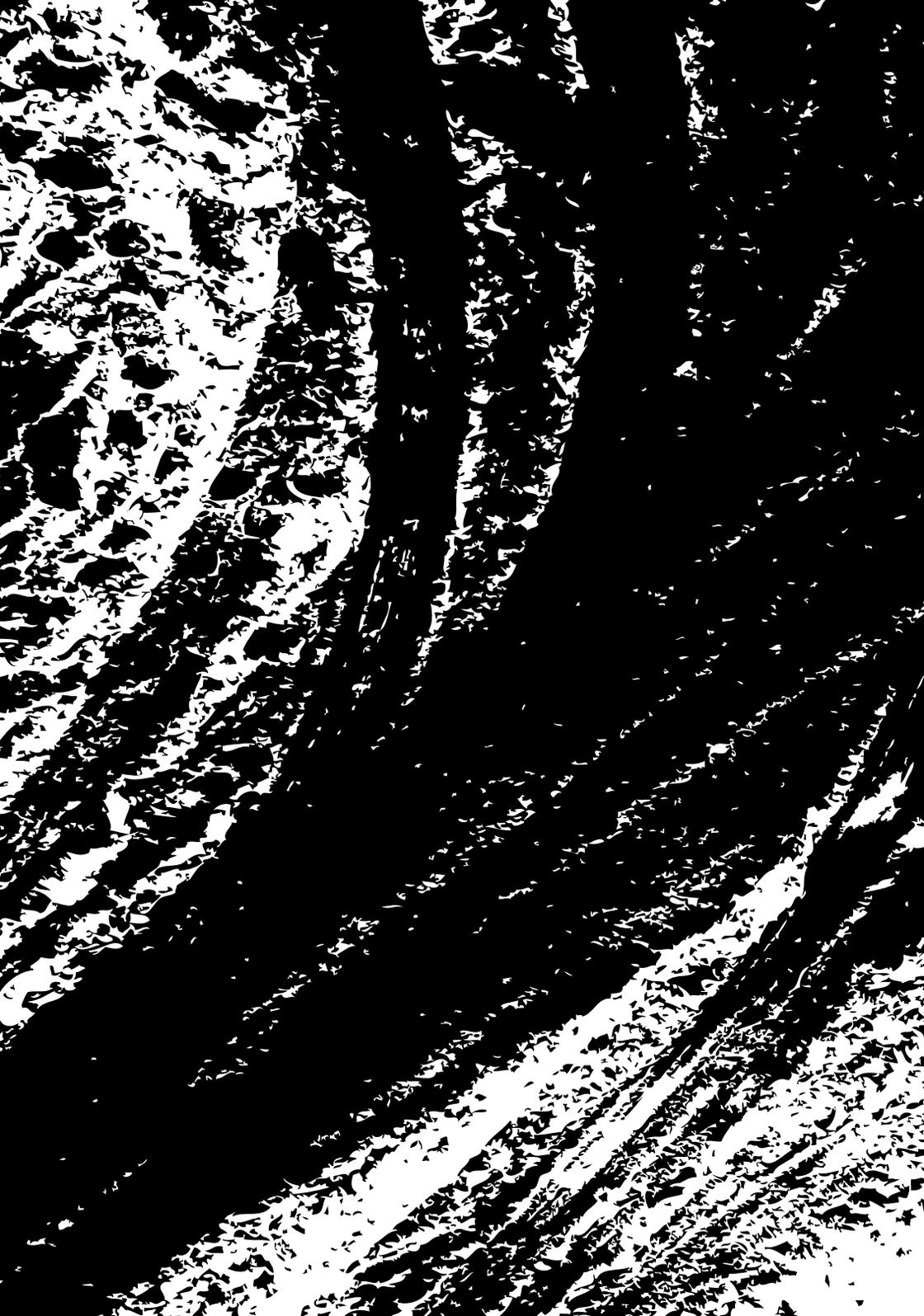
Os ovos da roça têm a gema extremamente amarela e em nada se assemelham a esses quase de borracha que compramos no supermercado. Nem se igualam aos meio-caipiras que nos vendem como sendo caipiras, por um preço elevado. Por que será que raramente se veem ovos na feira de orgânicos, cogitei. Deve ser pela dificuldade de transportá-los.

Mas a velha mãe é zelosa, e o seu comércio, do início ao fim, artesanal. Mesmo o motorista do ônibus que a conduz até a cidade, para que venda os ovos, espera até que ela acomode cuidadosamente as grandes cestas, e os outros passageiros acham normal algum atraso. Eles também, cotidianamente, costumam retardar a viagem, oferecendo ao cobrador um naco de queijo e uma xícara (esmaltada) de café, sem que ninguém reclame da demora. Absolutamente todos,

na região, se conhecem pelos nomes, sabem de que padecem os que padecem, quem morreu, quem nasceu...

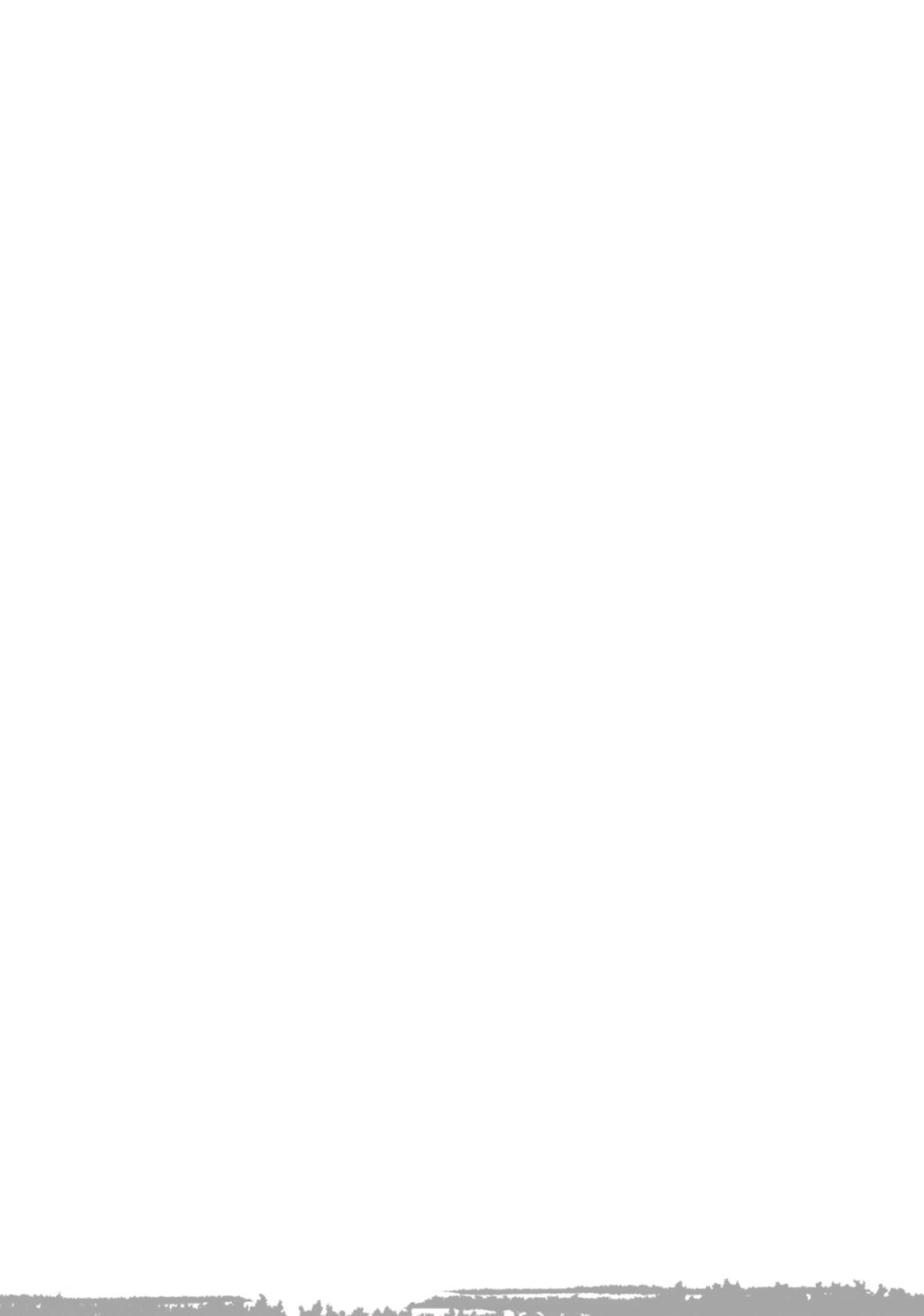
O que importa é que vovó vendeu os ovos, catados pelos quatro cantos do terreiro: no buraco perto da porteira, nas touceiras do capoeirão, perto da tampa do açude e onde mais aprouve às galinhas improvisar os seus ninhos.





# FANTASMAS NOTURNOS

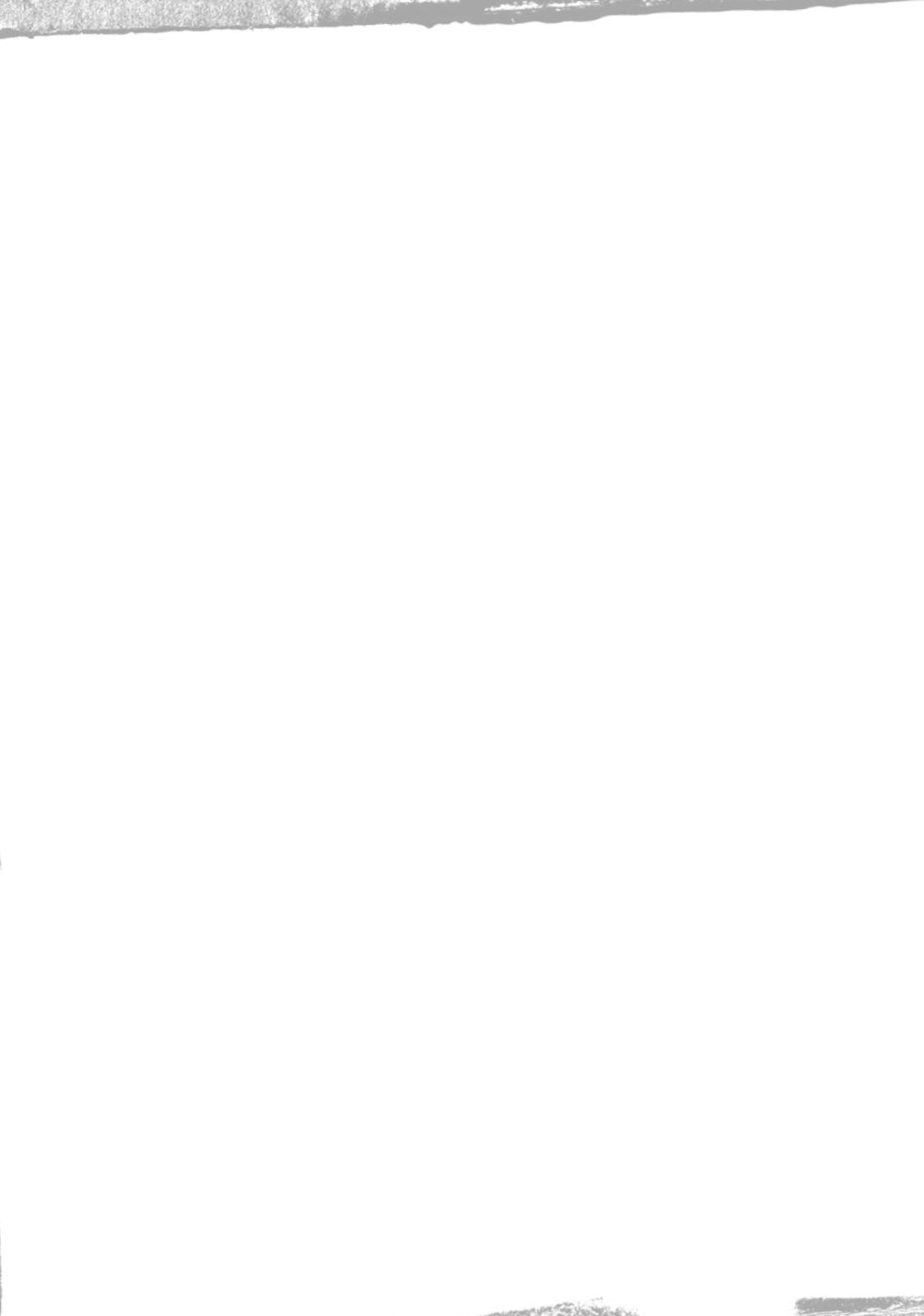




*A boa notícia:  
o monstro está dentro da sua cabeça.*

*A ruim:  
o monstro está dentro da sua cabeça.*

**(Andréia Delmaschio. “Questão de ordem”)**



# NÃO TENTEM FAZER EM CASA

Senti uma leve cócega na garganta. Surpreendeu-me que tivesse encailhado logo ali um fio dental. A custo consegui pinçá-lo firmemente entre o indicador e o polegar, e fui puxando, puxando... A agonia se ampliava junto com a suspeita de que o fio não tinha fim, mas não podia parar de puxar.

A partir de certa medida foram aparecendo, agarradas no fio, agora já engrossado de baba e restos de comida, pequenos garranchos, como os que meus filhos escrevem nos seus cadernos. Formavam palavras cujo sentido eu não podia distinguir.

Ao fim de um metro a náusea já era insuportável e as letras que surgiam eram maiores, de plástico colorido, tipo lego. Por fim palavras completas assomavam em profusão, cortando-me a garganta já em sangue, sem que eu pudesse falar e nem mesmo ordená-las em frases, ao meu modo.

Enfim despertei!

O pesadelo de fora parece menos verossímil.



# OS OLHOS DO CAPITÃO

De repente trepidou a nau e somente eu fiquei à deriva, naufraga. Com grande dificuldade para me segurar à borda, consegui apoiar a mão gélida no que sobrava daquela parte da embarcação. Sem saber ao certo por que, tive receio de que os outros sobreviventes, especialmente o capitão, me pisasse nos nós dos dedos, fazendo com que me desgarrasse de vez mar afora, em meio à forte correnteza de vento sul de lua grande.

Lutando por respirar, com a cabeça praticamente submersa, eu nem mesmo conseguia gritar por ajuda. Somente meus olhos imergiram para implorar e implorar um gesto de misericórdia, mas encontraram os olhos insanos, indiferentes, do capitão. Estranhamente, já não tinham órbita nem ponto fixo. Jamais me esquecerei dessa imagem sem comparação. A lua, feito um sol, morria no horizonte.

Ao me ver no auge da agonia silenciosa, ele se aproximou resoluto e estendeu a perna na minha direção. Estava pronta para agarrar-me ao seu pé quando, em meio à tormenta, senti no topo da cabeça a sola dura da sua bota, empurrando-me para o fundo.

Foi o primeiro – e último – gesto firme que o vi cometer em sua já longa vida de marinheiro.



# A COISA

Amanheci com um pequeno orifício do lado esquerdo. Espinhas aparecem muito mesmo nessa área do colo. Seria melhor não mexer, para evitar a contaminação, mas assim que me levantei escorreu um estranho fio bege e rosa que manchou a camisola. Noto que alguma coisa ali se mexe, num movimento tão constante que parece involuntário. E é grande, meu Deus, é enorme! Não é espinha. Nem se trata apenas de uma larva, como imaginei no começo. Se eu permaneço inerte, percebo que se mexe inteiro o seio esquerdo, sob a batida ritmada do invasor. Não suporto a persistência do incômodo movimento que há tantas noites não me deixa dormir! Preciso eliminá-lo. No armário guardo uma pequena bisnaga de anestesia, mas prefiro arrancá-lo às cruas, sozinha, e à mão. Com o estilete de apontar lápis abro um pouco mais o buraco e confirma-se o que eu já esperava: a coisa está arraigada ao meu corpo. Amplio o corte e vejo que se liga a mim por todos os lados. Além de peles e pequenas camadas de músculos, será preciso romper nervos, veias grossas e delgadas. Apanho a faca de jardinagem, esfrego-a um pouco na pedra de amolar e puxo, de um só lance, a coisa para fora do peito, a fim de que o golpe seja certo. Em menos de meio minuto, ela está inteira na minha mão, pulsando ainda, e sangrando muito. Lanço-a à lata de lixo. Lavo as mãos cuidadosamente. Enxugo-as. Volto para a cama e enfim dormirei tranquila.



# ALGUNS PESADELOS

Alguns pesadelos rasgam na memória uma via tão funda que nos assombram para sempre. O mais assustador é que em geral não temos consciência disso e não constituem matéria que se possa, de modo algum, narrar, ou seja, encaminhar para um outro estado. As crianças menores costumam se livrar de um pesadelo somente quando já passadas horas depois de despertadas. Por vezes, dias. Muito do que, através dos séculos, antes e depois de Freud, chamou-se possessão, neurose, histeria, fobia, amnésia, depressão, esquizofrenia e epilepsia tem a sua origem ali, nos recônditos dessa fábrica de um supercinema independente. A vida, em suas armadilhas, é tão inescapável que não nos permite sequer dormir impunemente.



# AMANHECER ENFERMO

Amanhecer enfermo é como entrar no pesadelo de outrem. E como a doença só surge quando estamos sãos, o que é plenamente óbvio, apanha-nos sempre de surpresa – como uma tempestade, uma topada na calçada, um dedo preso na porta do carro... Jamais temos tempo de nos despedir da saúde, se sua saída já é a própria entrada da doença. Não há vaga ou espaçamento entre os estágios, o que os transforma a ambos quase que em um mesmo estado, sequenciado. Não é possível que haja alguém meio doente ou meio são. Apenas em rara abstração conceitual. E a doença? Podemos nos despedir dela, estando ainda dentro dos seus domínios? Ou será a doença – como a saúde – um estado do qual só é possível que nos despeçamos a posteriori, quando ela já está distante? E será isso, de fato, uma despedida? São as mesmas interseções que se aplicam à dupla vida e morte.



# ZUMBIS

Pierre Flourens, fisiologista francês, sobre o uso do clorofórmio e das demais formas de anestesia, declarou um dia: *“...em consequência da paralisia geral da inervação, as dores são sentidas ainda mais vivamente do que no estado normal. O logro do público resulta da incapacidade do paciente de lembrar-se, após a operação, do que se passou. É concebível que as excitações dolorosas, que, em razão de sua natureza específica, podem ultrapassar todas as sensações conhecidas dessa espécie, provoquem um dano psíquico permanente nos doentes ou mesmo levem, durante a anestesia, a uma morte indescritivelmente dolorosa, cujas peculiaridades permanecerão eternamente ocultas aos parentes e ao mundo”*.

Diferentemente da previsão de Flourens, aquilo que uma pessoa ouve enquanto é operada a assombra para sempre. Não fui submetida a muitas intervenções cirúrgicas, apenas o suficiente para notar que o medo pálido que sentia enquanto a maca era empurrada para locais desconhecidos era uma bobagem, em comparação com o horror que experimentaria depois, ao escutar da boca dos médicos, enquanto cortavam e costuravam, considerações sarcásticas sobre a matéria que retiravam do que era, ali, o corpo de um estranho, e que, na condição subumana a que de repente descera em suas mãos, parecia-lhes antes um *fardo* incrivelmente familiar.

Durante a ação, executada centenas de vezes todos os dias, pululam relatos de antigas façanhas, anedotas descontextualizadas, repetidas sob o tédio de um trabalho cansativo (sujo como o dos açougues e pesado como o das estivas), recomendam-se restaurantes e cartas de vinho...

Mas isso ainda não é nada se comparado com o modo indiferente

como se referem a outros casos cirúrgicos, em geral tenebrosos, recém-passados ou ainda por vir. Essas frases que caem na mente anestesiada como sentenças, porque afinal o corpo está nas mãos daqueles deuses que, nesse exato instante, o recriam. Trata-se de um fantoche inerte em meio a aparelhos cortantes, máquinas frias, complexas e fora do seu alcance. Invariavelmente, o corpo está paralisado e as mãos atadas à maca.

A partir do momento em que nos anestesiaram, ao contrário do que se poderia esperar, transformam-se, os próprios médicos, em zumbis.

# O MEDO DO MEDO

Certamente você já teve, alguma vez, a impressão de estar vendo um fantasma. Digo melhor: você teve a impressão de estar vendo alguém e em seguida descobriu que não havia ninguém ali. Para um espírita, o momento seguinte é de contrição; para alguém que se autodenomina cético ou racional, é de busca de explicação – ou simplesmente de esquecimento. (Sei bem que os espíritas detestariam essa meia distinção entre um estado e outro, mas não pretendo opor os dois elementos como meros excludentes. Uma suposta racionalidade, creio, não tem a ver diretamente – ou de modo dependente – com falta de fé no sagrado).

Claro que não se trata de um caminho simples, o dessa explicação – o que me desobriga de tentar aprofundá-la. Retomando, portanto: se você já viu “fantasmas”, pode ser que não tenha sentido medo. No meu caso, trata-se de uma experiência tão antiga e corriqueira que hoje já não provoca, quase nunca, sentimento algum.

Estranho mesmo é quando *vemos* alguém *verdo* fantasmas ou quando *sentimos* que esse alguém *sente* medo. (Quantos de vocês se lembram de já ter tido essa experiência? Pergunto francamente, e não por um efeito retórico). Pois bem: nessas circunstâncias o “fenômeno” nos parece muito real. Aí sim – por meio do medo de outrem – conhecemos o verdadeiro pavor.

Talvez a razão seja o fato de estarmos acostumados a duvidar bastante de nós mesmos, de nossas impressões equivocadas, enquanto que a presença de um intermediário costuma conferir fidedignidade ao acontecimento. É o mesmo princípio que rege a crença nas cartas psicografadas, e é um dos recursos utilizados na narrativa.

Estranheza maior porém surge quando aquele que parece ver coisas é um bebê e ainda não sabe falar. Ele aponta para um lugar, fixa os olhos em algo que não vemos e sorri. Os cristãos da ala alada dizem que se comunica com o anjo da guarda. Nem mesmo os racionais profissionais ousam afirmar que uma pessoa em tão tenra idade está tendo alucinações. No entanto os mesmos mecanismos de produção imaginativa que o adulto, depois, demonstra, já existem na primeira infância, nas proporções que correspondem às experiências que o curto tempo de vida até lhe permitiu acumular.

Quando a criança em questão é um serzinho alegre e sereno – e que, nesse caso, já se expressa oralmente – com o qual convivemos diariamente, e que ainda não adentrou a propalada fase do amigo invisível, podem nos assustar declarações como a que segue. E esta me veio de ninguém menos que a destemida Flora. Certa noite, levantando-se rapidamente da cama, olhos parados no lusco-fusco que nos envolvia, tranquila porém curiosa, a pequena me lança, erguendo o queixo na direção da porta: “Quem é aquele homem, mamãe?” Não havia ninguém à porta. Não havia ninguém na casa, além de nós. Mais assustadoras foram, na ocasião, a limpidez do seu olhar e a certeza que punha em cada palavra.

No entanto meu susto maior, indisfarçável, é no meio da noite, nas ocasiões em que um dos meus filhos me desperta aterrorizado com uma presença que somente visitou a ele. Eu nunca pensei que pudesse sentir tamanho medo... do medo!

Numa dessas madrugadas, Francisco correu para a minha cama, e dessa vez a alegação era medo “do neném”: na *Toy Story 3*, em meio a mensagens mais, ou menos sutis, sobre a importância do uso do cinto de segurança, a insegurança à chegada do elemento novo, os ciúmes, a inveja e a violência, surge, na casa do garoto “psicopata” (assim o denominam os próprios brinquedos) que implode soldadinhos de chumbo e realiza horripilantes transplantes entre partes dos objetos mais díspares, uma cabeça de boneca (o neném do

pesadelo) incrustada no corpo de uma aranha mecânica descarnada, que caminha pelo quarto do menino perturbado. Para os brinquedos recém-chegados à casa do garoto – e também para mim – a cena pareceu assustadora.

Naquela noite Francisco se aproximou correndo e pulou-me ao colo, suando frio. Desejava uma proximidade subcutânea. No abraço, seu medo penetrou em mim através da pele, numa corrente transmissível feito doença. Aquilo que de ancestral havia no seu olhar parado, perdido em imagens que eu não podia alcançar, por um instante me convenceu da veracidade do pavor. Mais que isso, da razão da sua existência. Se existe o medo, é porque existe o horror, o horróroso, a cena horrível que o gera ou, um dia, gerou-o, em algum lugar do passado.

Naquele momento revivi as sensações que durante anos, na infância, me perseguiram – o medo das sombras, de bruxas, de pessoas estranhas. O medo do escuro, de bichos desconhecidos e conhecidos. O medo da morte, de estar só, dos espaços abertos, dos espaços fechados. O medo das visões que tinha e das vozes que ouvia.

Talvez o que nos garante que no dia-a-dia não tenhamos medo seja a constante e ilusória autorreafirmação de coragem e da inexistência daquilo que verdadeiramente nos apavora. Difícil é negar aquilo que nem somos nós que sentimos.



# CEARENSES PASSEAIS

Meu filho, que tinha adormecido ao meu lado, acordou chorando, assustado com a minha gargalhada. A mim mesma pareceu que há um século eu não sonhava. E que há tempos também não ria.

Apressei-me para socorrê-lo de minha própria desordem, com a imagem dos retirantes do sonho ainda na cabeça e uma certa culpa pela risada descabida, que o despertou em meio àquela minha persistente paisagem tétrica e a gente tão esquelética que poderia escorrer pelos dedos.

*Cearenses passeais*, li retardatariamente na capa do livro onírico, por sobre uma tela do Portinari. Li, ri um riso nervoso e confuso e corri para abafar-lhe o choro, antes que acordasse o outro bebê, que dormia bem próximo.

Não tive tempo para abrir as páginas e desvendar que espécie de ironia encerraria o cacófato daquele título misterioso. Seria um absurdo talvez de corajosa incorreção política, ridicularizando a condição dos imigrantes nordestinos? Ou uma teoria positivista justificando a existência daqueles seres que, na gravura da capa, aparentavam mesmo ser de outro planeta?

Ou então se tratava de um desígnio divino aguardando para ser encenado com voz tonitruante.



# COMEÇAR A MORRER

*Bão balalão, Senhor capitão, tirei esse peso do meu coração.*

*Não é de tristeza, não é de aflição: É só de esperança, Senhor capitão!*

*(Manuel Bandeira)*

Ninguém sabe ao certo quando é que alguém começa a morrer. O professor Arnoni dizia, do Mário de Andrade, que sua morte teve início no fim de uma anedota genial do Oswald, dita certa noite a um grupo de amigos, num bar, e cujo protagonista era o próprio Mário, ali presente.

O poeta sarcástico teria dito que “Mário de Andrade, de costas, é igual a Oscar Wilde”, revelando de uma só vez a feiura e a homossexualidade, além de desenterrar no escritor sabe-se lá que mais, pela comparação – nefasta para os seus delicados recônditos – entre ele e o escritor irlandês.

Muitos afirmam que a partir desse momento o gênio paulista foi definindo até a morte. Não sei. Também é preciso considerar que talvez o próprio Oswald já estivesse morrendo, naquele momento. Afinal, não há como bater sem apanhar um pouco... A gente mal nasce – diz o poeta – começa a morrer.

Quando digo começar a morrer não penso, aqui, nos antecedentes românticos, financeiros ou de saúde que costumamos tomar como causas simples dos suicídios – em geral nenhum dos personagens sobreviventes chega a conhecê-los por completo. Penso sim é nos pródromos subterrâneos desses pródromos: aquele pesadelo bruto que persegue por dias, tão real que só podia mesmo ter sido sonhado: por que ele não se descola de vez da nossa rotina, deixando o fluxo livre para os acontecimentos empíricos, se em geral nem mesmo percebemos que ele ainda está ali, restando dele apenas o

tédio, o mau humor, a angústia? E a palavra mal posta, pendendo da boca amiga feito uma fruta podre? Será ela a nossa bala perdida? E a impossibilidade de dar e receber amor, a indiferença paterna...

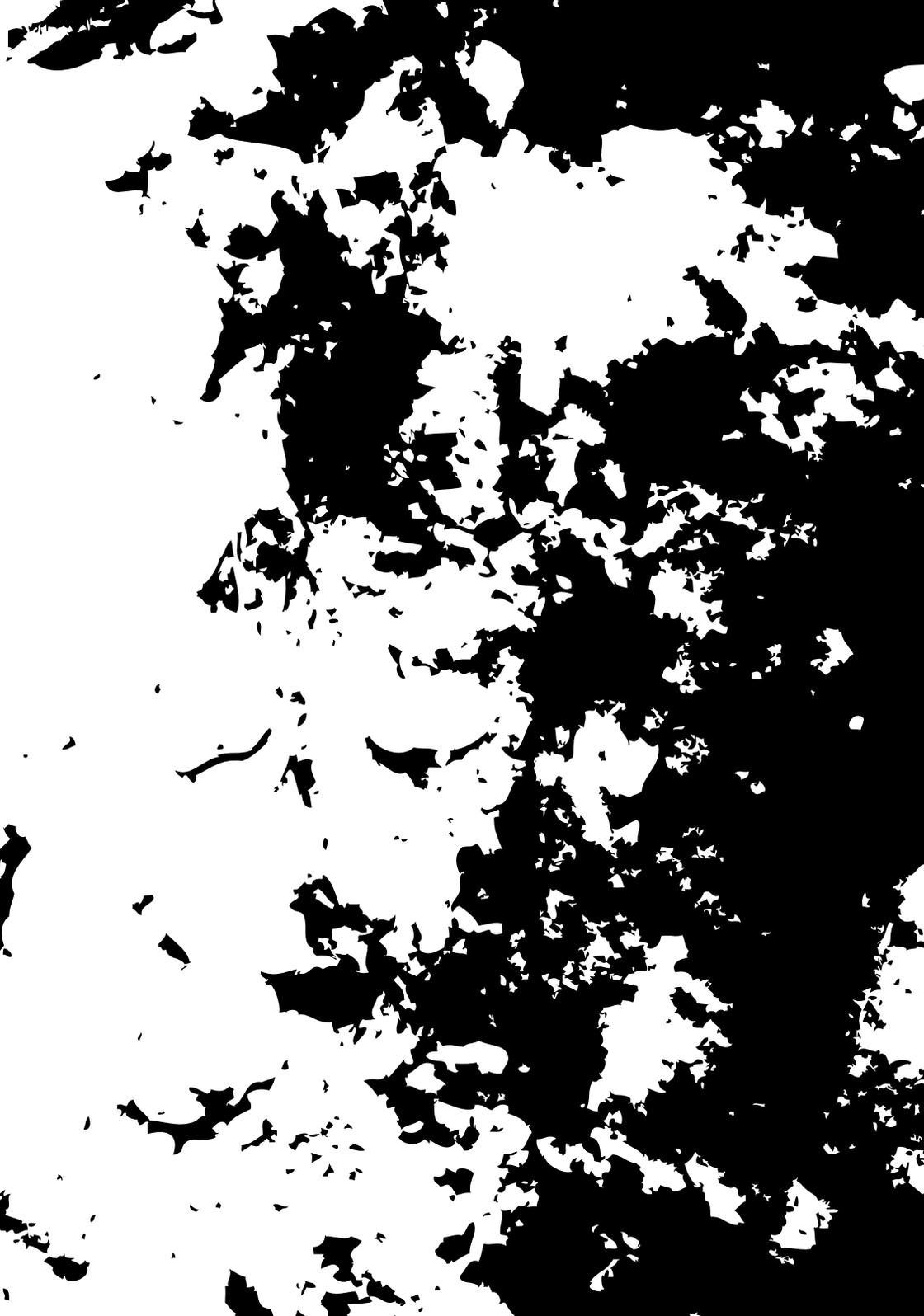
Tempos atrás chegou aos meus ouvidos, por acaso e através de desconhecidos, a história de um meu parente não muito distante, filho de produtores de tangerina em Venda Nova do Imigrante que, jovem e belo, querido pelos amigos e feliz com a namorada, certa tarde de verão apanhou o violão, seguiu para o paiol, tocou uma última canção brasileira e desfechou um tiro na cabeça. Pronto! Simples assim!

Ontem, indo a pé pela Praia do Canto, notei que as chuvas de abril começam a apagar o rastro de sangue que durante semanas acompanhei por aquela dezena de quarteirões. No primeiro dia era de um vermelho vivo à Frida Kahlo, no terceiro apenas marrom e logo depois quase ocre, da cor do esquecimento. Quem terá vertido a seiva pulsante nas pedras indiferentes daquela calçada centenária? Não importa, talvez, mas houve momentos em que, claramente, ele ou ela se recostou a uma árvore, porque o fluxo, viesse de que parte viesse, ao certo lhe encheu as mãos, escasseando logo depois, quando o passo começou então a ir mais trôpego, com paradas inesperadas próximo das esquinas. Isso tudo se percebe por cada novo borrão, lançado ainda quente ao vento vindo da orla e agora coagulado em grandes manchas na pedra fria.

Imagino que os refluxos tenham acompanhado um olhar já quase sem esperança na direção do carro que se aproximava, pensando que pudesse ser um ônibus, ou mesmo uma ambulância. Por outro lado, pode ser que fizessem parte ativa de uma fuga, o sangrante em pleno jogo, de dia ou de noite, contra a polícia, os amigos, os inimigos, o amante. Quem sabe uma mulher tenha simplesmente menstruado em meio ao caminho para o trabalho... É difícil imaginar contudo que perfizesse tão longo percurso sem buscar abrigo e auxílio. A não ser que fosse uma daquelas babás noturnas que descem dos prédios de madrugada, o rosto marcado por fundas olheiras,

vindas de Cariacica ou Serra sede, e que se revezam com uma outra que acaba de chegar dos mesmos subúrbios, andando rápido, ombros tesos sob o medo de assaltos.

Mas não. Havia nas bordas de cada uma daquelas pinturas sanguíneas o fantasma de um sacolejar angustiado – e seguramente solitário – de mãos que tentam segurar a alma vermelha e quente entre os dedos, empurrando-a de volta para o peito, ou a cabeça, ou a boca, ou o sexo, ou os intestinos...





# ESTRANHOS FAMILIARES



*...as crianças, quando têm medo, nos amam mais...*

**(Anne Ventura)**



# ÁPICE

Em Brasília os colibris vinham aos bandos e, quando se achegavam aos hibiscos, era sempre em dupla. Lá porém eles são pequenos, cinzentos ou levemente amarronzados. Vez ou outra penso ter visto um maiorzinho, azul-marinho, rabo de tesoura, mas pode ter sido apenas uma memória que carreguei dos daqui, estes sim grandes, ora muito verdes, ora muito azuis e acho que, às vezes, com ambas as cores misturadas num só, espalhando reflexos prateados.

Desde quando morava sozinha num apartamento pequeno, eu já gostava de atraí-los com mel, que pingava, na janela, de pobres flores de plástico. Agora, com a presença das crianças, eles frequentam a casa sem medo. A primeira coisa que notei foi isso: beija-flores não temem crianças. Talvez seu instinto nos perceba, adultos, muito cheios de dedos (em todos os sentidos) e surja daí a sua desconfiança: por que demonstramos tanto zelo, afinal, ao nos aproximarmos desses pássaros?

Confesso que o cuidado que tinha, quando acontecia de um deles ficar preso e não conseguir mais achar a saída, era resultado de medo: medo de machucar a fragilidade ambulante, de ser mal interpretada nos meus propósitos e mesmo um outro sentimento que existia antes de ter tido filhos: um receio de tocar o vivo, de não saber cuidar, ainda que por um instante. Quando criança, nas visitas à casa da vovó, eu corria horrores das galinhas, que corriam horrores de mim...

Mas as minhas crianças nunca se apavoraram com pássaros ou peixes. Ou sapos, formigas, aranhas, lagartos, galinhas, bois... E de manhã, quando acontece de entrarem na área de serviço três ou quatro colibris de uma só vez, é uma festa: eles voando lá em cima, em círculos, e as crianças correndo aqui em baixo, simplesmente espantando-os com uma fralda na mão e um “vai bóia” que sem querer eu

mesma ensinei, numa manhã em que me deparei com um filhote já cansado de tanto bicar o vidro.

Depois da comemoração que fizemos quando os colibris descobriram o nosso jardim suspenso de violetas, florido mês após mês, eu não podia agora simplesmente pegar de um pano na frente das crianças e espantar o pequeno pássaro mundo afora. Aproximei-me então de modo discreto, abri a janela inteira à sua frente e disse: “Vai embora, querido. Sua mãe deve estar te procurando”.

Ontem, num intervalo do burburinho sonífero do nebulizador, percebemos que algo estranho acontecia no escritório e lá fomos nós, corajosas desbravadoras do desconhecido – Flora e eu.

Um filhote de pescoço superverde e rabo ainda curto batia com o longo bico, brilhante feito grafite, num canto da escrivaninha, entre um calendário perpétuo que parou em agosto e uma pilha de provas por corrigir. Apanhei-o cuidadosamente, porém sem temores, num gesto rápido o suficiente para que não fugisse e seguro o bastante para que não tivesse tempo de temer-me.

Agachei-me para que Flora pudesse vê-lo de perto, e sua expressão era – perdoem-me pelo involuntário clariceano – epifânica. Fez sinal de que queria tocá-lo. Aproximei-me com o filhote na mão. Pensava menos que um lápis. Ela fez deslizar o indicador pela testinha brilhante, até à fina ponta do bico, e, como se ouvisse o eco do meu pensamento sobre a leveza do bichinho, notando certamente a sua semelhança com um lápis de cor, olhou-o muito fixo e soltou um “ápice”, que é como ela chama a lápis e canetas.

“Ápice”, eu repeti. E abrimos a janela para o Ápice. Sua mãe já devia estar preocupada.

# BETO

Aliás o beta, a que chamamos Beto, faz dois dias que não sai da casca de ouriço que coloquei no fundo do aquário. A não ser quando Francisco o invoca com sua voz cheia de promessas de futura gravidade: “Peisse!” Por vezes creio que o meu pequeno cabeludo traz consigo uma certa aura franciscana, e deve ser ela que o faz enfiar a mão pelas bocas dos cães, desde quando ainda era um bebê. O meu santinho é alegre e debochado e é a ele que os pássaros vão procurar na cama; a seus chamados atendem todos os gatos da vizinhança, e até os gafanhotos o perseguem nos parques.

Ultimamente, só mesmo quando é chamado por ele, o Beto vem à tona, belisca alguma coisa e, quase sem forças, volta para o mar que lhe improvisei: sem sal, sem ondas, sem céu – sem a imensidão. E como, nos primeiros dias após a sua chegada, as crianças jogassem folhas lá dentro, eu o trouxe do jardim, onde o aquário parecia bem adaptado entre os ramos da bertalha, direto para o escritório. Pensei que aqui receberia menos pó de minério, além de ser esta a parte mais silenciosa do apartamento. Agora já me acho cruel, vendo-o ali, solitário, escondido sob os restos daquele outro ser aquático, a casca de ouriço que recolhi, um dia, das pedras da Ilha do Frade.

Sempre me incomodou saber que os beta são chamados peixes de briga, sendo que só ficam violentos se confinados em aquários. Quando cogitei comprar o Beto, vivi, diante da casinha de vidro verde e imundo em que morava, o mesmo impasse que sempre me abala nessas circunstâncias: comprar ou não?

Acabei optando por trazê-lo; acreditava seriamente que o estava salvando do tratamento meramente comercial que lhe era dado, da comida regrada a que estava sujeito, dependente do humor ou do tempo livre da vendedora... O contra-argumento dado por mim mesma,

de que a compra incrementaria o comércio, abrindo espaço para que outro peixe fosse adquirido pela loja para substituir aquele, não me convenceu, ainda mais que, por detrás do vidro esverdeado, eu vislumbrava já os dois pares de olhos dos meus filhos, estatelados diante daquela novidade: a vida nadando, vermelha, dentro da nossa casa.

Foi assim também quando comprei, em promoção, quinze violetas sem flores, que definhavam a olhos vistos, sob o sol de setembro e a indiferença da floricultora. Com elas a experiência foi feliz e, depois de alguns meses de adaptação, nunca mais deixaram de florescer.

Mas o Beto agora está quieto; parece não querer conversa. Devo levá-lo de volta ao jardim suspenso, e desta feita talvez o ponha junto às violetas.

# EU QUERO SER HOMEM!

Os dois saíram do carro falando alto:

– Eu sou homem! Eu sou homem, sim, dizia Flora, na sua saiazinha de babados.

– Não é, não, retrucava o irmão, contrariado.

À nossa passagem, o vendedor de cocos da esquina arregalou a boca, seguindo o trio com os olhos. Francisco continuou:

– Você é menina; eu é que sou homem!

Eu conduzia os dois pelas mãos e observava o fluir da discussão, tentando entender-lhe as origens, ao certo mais remotas do que a arenga que aparentava ter-lhe dado início, sobre quem seria retirado primeiro da cadeirinha. Atravessamos a rua em direção à outra calçada; eu nunca os tinha visto bradarem com tanta veemência. Sentamos no café da padaria. Ela, já exasperada com a resistência do irmão, e dona de um olhar cortante, pediu auxílio:

– Mãe, eu quero ser homem! Fala pro Francisco deixar eu ser homem!

– Está certo! Francisco, ela quer ser homem. Agora, então, ela é homem, certo? (Caramba – pensei –, até para nos unirmos a eles no time temos de pedir autorização!)

– Ela é homem, mãe? Então eu sou o quê?

– Você? Homem! Você quer ser homem? Então você continua sendo homem! Tudo bem?

– Sim.

Não opôs mais resistência.

Mais ou menos um ano antes, Flora tinha chegado da escolinha com a novidade:

– Mamãe, eu sou menino!

Eu já vinha observando de longe o modo como, nas brincadeiras de quadra, as meninas se unem de um lado e os meninos, invariavelmente, de outro. Enquanto algumas delas fazem gestos de princesa e contam às colegas, cheias de caras e bocas, os seus segredinhos, eles, do lado de lá, se empurram e correm e riem alto, ignorando-as completamente. Isso quando, em aula, não dividem a caixa de lápis de cor, os meninos ficando com o espectro que vai do verde ao preto e as meninas com aquele que cobre do branco ao vermelho, passando, obviamente, pelo irresistível rosa.

Pode parecer que criei uma alegoria para reforçar os meus argumentos. Pois saiba que não: observo as crianças (as minhas e as outras) diuturnamente e noto inclusive a sua dificuldade em distribuir os lápis lilases. E a cena se repete, igual todos os dias, criando raízes comportamentais fortes como as de um jatobá e demandando algum tipo de intervenção. Afinal, se sairmos deixando o mundo exatamente como estava quando chegamos, não precisávamos ter vindo.

Desde aquela época entendi que as meninas, ainda nas fraldas, percebem (nessa fase os meninos ainda não desenvolveram qualquer domínio do disfarce, nem descobriram o uso skinneriano de compensações como dar-lhes passagem, abrir para elas a porta do carro, mandar flores ou pagar as contas) que o mundo em volta está todinho preparado para o uso e o abuso deles.

Deu-se ao mesmo tempo em que, por óbvia insipiência sintática, ao

tentar negar o desagradável de uma situação, nas suas sentenças simples e natural incapacidade de, aos três anos, argumentar, a Flora (e especialmente ela), ao tentar negar algo, negava o fato como um todo, anulando na frase a própria existência da situação. Ouvi-lhe coisas como – com a roupa toda molhada: “– Olha, mamãe: eu não fiz xixi na roupa!”, ou então, enquanto eu me arrumava para sair: “– Oba, hoje a mamãe não vai trabalhar!”.

Assombrosamente, o discurso sexista começa a avultar junto mesmo com a aquisição da linguagem, na disputa pelos brinquedos e na categorização mais geral:

– O carrinho é meu, você não é homem! Ou: – Eu vou tomar banho primeiro, porque você é mulher!

E também, vindas do outro lado: – Você é homem, não pode usar xuxinha no cabelo! E: – Mãe, o Francisco vai colocar camisa rosa? Ele não é menina!

“Ser homem” significa portanto, sob a égide de uma educação discriminadora que se perpetua, ter acesso aos bens, ao movimento, à livre expressão, à prioridade e, por consequência, à possibilidade de conceder pequenos benefícios àquelas outras pedintes. O poder os torna livres e fortes e belos... e generosos! A elas, por outro lado, cabem o delicado, o adorno, o mimo, cabe diferenciar e designar o uso das cores... e cabe também a espera!

Na sua linguagem em desenvolvimento e quando ainda não conquistaram, a duras penas, outros meios de consegui-lo, as meninas solicitam, aos meninos e a nós, adultos, que lhes concedamos o direito de serem: homens, numa muitas vezes tácita (e desesperada) solicitação do seu lugar de humanos.

Logicamente quem detém o poder (Foucault acrescentaria: poder não é algo que se detém, é algo com que se joga) não quer dividi-lo.

Nesse caso, então – e nesse jogo –, é necessário às mulheres (e meninas) requisitar – com veemência – as suas peças.

A opressão por que passa uma mulher desde o início da sua socialização é inenarrável. Basta olhar para a carinha das meninas em geral, ainda muito pequenas, nas salas de aula. Para vê-las melhor no entanto é preciso retirar o véu de naturalidade com que encobrimos, no ocidente, sua adestrada docilidade e obediência.

Nós, mulheres, enquanto continuarmos a reproduzir os mesmos meios e modos, seguiremos reclamando, sempre tardiamente, de que os homens não dividem conosco as tarefas, de que não conseguimos desenvolver com facilidade as habilidades em que eles se tornaram mestres. Etc.

# ELES E ELAS

Por que razão as mulheres pobres se referem aos seus companheiros diretamente pelo pronome pessoal, sem que, no contexto, seus nomes ou quaisquer outros termos que os refiram tenham sido usados?

Da primeira vez que o notei foi numa frase assim: - *Quando Ele voltar do mar, terei de parar com as faxinas...* Pensei tratar-se de Deus. Ainda mais que a sentença foi dada de manhã, bem cedo, o leite fervendo, quase entornando, e Sebastiana com os olhos fixos nos azulejos sobre o fogão. Dir-se-ia uma revelação profética.

E outro dia escutei da doce Deoclécia, saído do nada: - *Amanhã Ele vem buscar a televisão.* Ainda não tínhamos falado nEle, mas tão-somente na televisão. De onde então Ele despontava assim, verdadeiro Hércules, já descendo as escadas com o meu televisor às costas?

A impressão que dá é a de que Eles vivem no pensamento delas, todo o tempo muito presentes, e que, para lhes saírem pelas bocas, é questão apenas de que estas se abram.



# KIM PHUC

Eu olhava as famigeradas quarenta e cinco fotos históricas que recebi por e-mail, quando Flora e Francisco entraram no escritório atrás de papéis para desenhar.

Tinha acabado de projetar na tela a menina vietnamita queimada por napalm e os dois foram, de imediato, atraídos pela imagem chocante. Ver fotos hoje se tornou algo um pouco mais público do que era algum tempo atrás. O movimento de clicar para esconder uma imagem é estranhamente mais lento que o de fechar um álbum, para mãos amadurecidas no gesto de lançar sempre juntos mais de um dedo.

Tendo filhos pequenos, não posso ignorar a sutil fronteira entre o quarto cor de rosa e o canivete da esquina, a incerta distância entre a bela adormecida e a bala perdida. Um pêndulo oscila todo o tempo entre o que esconder e o que apresentar, o que introduzir agora e o que deixar para mais tarde. É uma rotina de responsabilidade desumana, se a tomamos a sério. Mesmo porque temos, no mínimo, uma história inteira, um idioma inteiro, uma cultura inteira dentro dos quais nos perder para tentar nos encontrar. Das migalhas do que pensamos conhecer, temos de fazer uma colcha de retalhos apresentável, enquanto as crianças não aprendem a tecer a sua.

O fato é que, na foto, a menina, em choque, chora de dor e desespero, os braços estendidos em cruz e a pele dos ombros a se soltar. Kim Phuc corre nua pela estrada, juntamente com outras crianças, que são seguidas de perto pelos soldados. A história oficial conta que, logo depois, ela seria socorrida pelo próprio fotógrafo.

No mesmo instante lembrei que, quando ainda era adolescente, irrompi em pranto ao ver pela primeira vez a menina, em completo

desamparo e procurando por ar para respirar, num documentário exibido no antigo cine Carmélia.

Flora contemplou a imagem em preto e branco por um largo minuto:

– Por que ela está chorando, mamãe?

Ia responder que era porque estava triste, mas percebi que não a convenceria: a tristeza ela conhece. Não achei resposta, tentei eu mesma entender a dimensão daquilo, enquanto ela já se distraía, espalhando lápis e canetas pelo chão.

Francisco porém não se desvencilhou da imagem. Quis ficar no meu colo, como quando aparece numa história a bruxa má, e não era capaz de tirar os olhos da tela. Via apenas a menina e perguntava seguidamente:

– Por que ela está chorando, mamãe?

– Porque ela está triste.

– Por que ela está triste?

– Porque ela está sofrendo.

– E por que ela está sofrendo?, insistiu.

– Porque ela sente dor.

– Por que ela sente dor?, lançou ainda.

– Porque ela foi queimada, fui forçada a dizer.

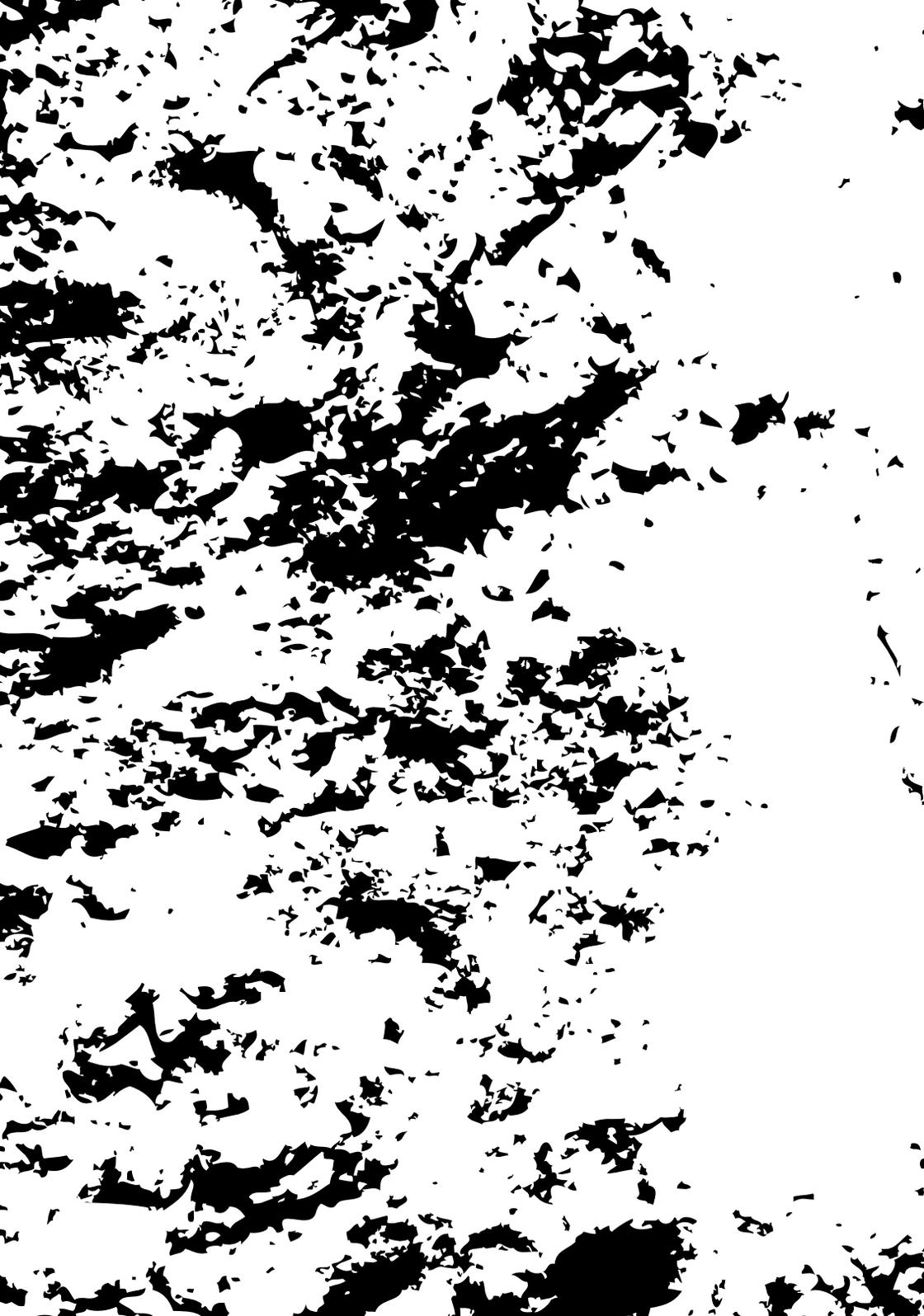
– Queimada? Por quê?

– Porque os Estados Unidos...

– E por que ela está chorando?, voltou a perguntar, depois de meio minuto.

Perguntou doze ou quinze vezes; não importava mais que tipo de resposta eu lhe desse. Fiz menção de fechar a página, ao que ele, ainda sem tirar os olhos da menina e num gesto assustadoramente além da sua idade, empurrou com seu braço o meu, tirando-me a posse do mouse. Agora queria saber o que era a mancha na perna do garoto ao lado de Kim Phuc, uma mancha que – conferi depois – aparece apenas em algumas versões da imagem.

Tentei atraí-lo para uma Challenger estourando nos céus, um John Kennedy sendo assassinado, um papa a ponto de levar um tiro... não houve modo. Temo que sofra da mesma necessidade que tenho de diluição. No que pode parecer um ato de masoquismo (ou mesmo de sadismo), socorre-me a estratégia de disseminar o incômodo pelo uso da palavra, pela sua pungente repetição. Enquanto os olhos, autômatos, permanecem presos à imagem dolorosa, a boca busca um modo de gastá-la, até que o sofrimento seja substituído pelo cansaço entorpecente de ver.



# NOVOS FANTASMAS



*... já disse, é tudo verdade, mesmo ou sobretudo o que invento...  
só a ficção está de fato apta a prestar contas do real.*

**(Evando Nascimento)**



# JOGA A CHAVE

À meia-noite, acordei sorrindo e incerta: terei sonhado com o Chico Buarque?

Tempos atrás, quando, talvez por impulsão lírica da tese, andei inventando que tinha me encontrado com ele, os amigos, quase todos, acreditaram. A maioria nem pôs em xeque a inverossimilhança do narrado. Algumas pessoas praticamente o conheceram por meu intermédio. E tudo parecia muito natural, até mesmo o fato de, de repente, eu sair espalhando fofoca de mim mesma, e uma fofoca na qual o personagem – coadjuvante – era ninguém menos que: Chico Buarque de Hollanda!

Agora porém que se trata de fato verdadeiramente acontecido, é possível que ninguém acredite, ao contrário do que se deu quando o encontro foi meramente (?) ficcional: note-se que a interrogação se segue ao meramente, não ao ficcional. É que não quero mais dúvidas pairando sobre aquela deliciosa parte da minha vida – inventada, repito –, e aproveito para reforçar aquilo em que creio mais: que não é pouco, o ficcional.

Nenhum processo foi movido contra a minha pessoa – o que teria sido a glória! – e a melhor crítica que recebi, quando publiquei a novela, foi de provinciana, tendo partido de mim mesma. De todo modo, dada a proporção que tomaram os fatos (guardo ainda uma dezena de belas mensagens que recebi, entre elas a de uma senhora que, ao ler a descrição que fiz das mãos do ídolo sobre o volante do carro, não teve mais dúvidas e fechou imediatamente o livro: eu estivera com ele; não conseguiria ter inventado aquele contraste entre a pele clara e o couro escuro), concluo hoje que nunca um selinho (apenas imaginado, repito) me custou tão caro!

Por uma comparação excessivamente lógica, estando tudo esclarecido e tratando-se, agora, da mais pura verdade, creio que posso já contá-la tranquilamente, que será recebida apenas como mais uma invencionice.

Mas vamos aos fatos, sem delongas: o Chico já estava se apresentando quando cheguei. O bar era o mais decadente. Daqueles que todos os frequentadores sabem sê-lo e que procuram justamente por sê-lo e sabê-lo; nesses casos a fama do lugar torna muito fake a própria decadência, o que significa que os fluidos e efeitos dela já se perderam lá atrás, com o último revestimento das paredes, escolhido entre tons escuros, obviamente por também denotarem decadência.

Não descreverei a aparência do Chico; não quero repetir o erro de antes, nem confundir a cabeça dos novos leitores. Direi somente que cantava com a mesma camisa rosa de viscosse que usou para uma das suas últimas entrevistas, e que me incomodava, na cena (ele cantava, ao microfone, acompanhado de um violonista, apenas), o fato de ter combinado a camisa rosa com uma calça marrom escura de cobrador de ônibus que eu pensei não existir mais – nem mesmo no armário de um cobrador de ônibus.

Antes de sair do hotel eu tinha deixado sobre a cama os jeans novos que compramos no Galeão, e que veio na minha mala de mão. Realmente não entendi aquele tergal opaco envolvendo suas longas pernas magras. Se eu tivesse chegado um pouco antes, conforme previsto, teria evitado, mas não entrei até que o show tivesse início, para evitar a falação, e principalmente as apresentações insossas, de cumprimentos retardados, que tanto o Chico quanto eu detestamos, e que jamais resultam em algo proveitoso: ninguém apresenta uma pessoa a outra na saída de um show acreditando que um dia venham a ser amigas, mas apenas para cumprir o protocolo ou, pior, para se exibir. E a estranha combinação de cores já tomava, para mim, proporções monstruosas, mesmo no escuro que pesava sobre as mesas, um tanto mais amontoadas naquela noite.

Agora só ele era iluminado, de cima a baixo, por um spot pênstil, e vi quando me procurou com os olhos – eu havia saído no final da tarde para tomar um ar e por certo ele estranhou a demora.

No intervalo do show fui surpreendida, porque não havíamos combinado que ele viria até a minha – a nossa – mesa secreta. A surpresa era mais que agradável! O problema era aquela calça cor de cavalo. Lógico que eu não iria comentar nada no delicado momento do intervalo. O Chico tomou um longo gole do meu chope, estava se descuidando da própria voz, que, enquanto ele canta, aceita apenas bebidas quentes. Depois voltou ao uísque. Notei que suas mãos tremiam.

Foi ao toalete e retornou, sob aplausos, à pequena plataforma que lhe servia de palco. Notei também que tinha mudado o repertório, em cima da hora e contra o combinado, previamente, com o músico. Ou então aquele encontro dos dois, na minha presença, era a própria preparação da surpresa... Não sei. O Chico podia estar se vingando das histórias que eu tinha inventado a seu respeito...

Só então percebi o quanto fui tola: era quase óbvio que, cantando o que cantava, vestisse o tergal marrom. Mas como o teria improvisado? Ou será que o improvisado era apenas de superfície, assim como o de cada peça musical que agora desenterrava?

Retomou o microfone, olhando-me e rindo como quem prega uma peça. Gelei de medo do novo repertório. Mexi com o dedo o gelo do seu uísque. Recomeçou cantando “Joga a chave”.



# CINCO MINUTOS DE TVÉ ABERTA NO PERÍODO DA MANHÃ

Pequena plateia aplaude de pé um roast beef fumegante apresentado pelo chef louro. Som de colheres de pau batendo em fundos de panelas. Zap. Dois participantes do reality show se abraçam, chorando copiosamente: foram premiados com trinta potes de sorvete. Zap. Um barraco desaba ao vivo do alto do morro, levado pelas fortes torrentes das chuvas de verão. A queda é acompanhada desde o primeiro momento, com a estrutura de madeira ainda intacta. As tomadas são feitas de três diferentes ângulos, o que denota grande esmero na preparação do set de filmagem, mesmo em meio à forte tempestade de verão. Zap. A cantora repete efusivamente, com trejeitos de cabeça e close das ancas, o seu amor pelo filho recém-nascido. Zap. Uma águia sobrevoa um pico nevado, ao fundo desponta o sol. Zap. Vinte pastores evangélicos sobem uma ladeira, num subúrbio, cada um levando às costas um galão de vinte litros de água, que depositam sob um arbusto, juntamente com os pedidos de milagres escritos à mão pelos fiéis. Zap. Uma moça e um rapaz vestidos de crianças mandam “beijos beijos beijos” para a audiência, puerilizando suas vozes. Zap. Em frente a um pôster representando uma paisagem europeia, com ovelhas caminhando por um campo verde, uma mulher dá ao pastor o seu depoimento acerca de como o poder de deus lhe arranhou emprego, pagou as dívidas e comprou um carro zero. Zap.



# O PANFLETO

Recebi o panfleto no sinal, das mãos de uma moça gordinha, o nariz fora do lugar. Era uma tarde sinistra: bateria arriada, calor de quarenta graus e um trânsito tipicamente capixaba, ou seja, com as faixas lenta e rápida invertidas e motoristas dirigindo com os pés nas costas – literalmente –, além de obras por todos os cantos das vias.

Mas justo então clareou a feia paisagem que eu trazia comigo. Como diziam os antigos, desopilei o fígado: no folheto que recebi da moça via-se o retrato de um homem jovem, nu da cintura para cima, bronzeado, olhos claros e cheios de um falso desejo. (Ou será falso todo desejo, num tempo em que se é obrigado a desejar?).

No verso da folha, como sintoma de carência idiomática e de curso de marketing, enfileiravam-se verticalmente, sem qualquer título ou enunciado, diversos itens, cada um seguido de um valor. Buço: 10 reais; Queixo: 12 reais; Nádegas: 20 reais; Virilha: 20 reais; Braço: 30 reais; Perna: 40 reais; Tronco: 50 reais.

Irrompi em alta gargalhada, para tristeza insuspeitada da panfletadora, a quem, em seguida, pedi desculpas. Depois pensei em comprar um tronco novo, quem sabe, o preço estava ótimo!

O sinal demorava em abrir e o absurdo ia, aos poucos, desmoralizando a tragédia - do mesmo modo como é bom um filme de terror, porque naturaliza, simbolicamente, toda e qualquer outra desgraça.

No rodapé do papel, em fonte oito, a frase que deveria ter encabeçado a propaganda: Depilação a laser – promoção imperdível!



# BARRIENDO LA BASURA

A senhora maltrapilha (a partir de agora direi mais exatamente andrajosa) se aproxima da minha janela a cada vez que paro no semáforo de Jardim Limoeiro.

- Me dá uma ajuda, minha filha!

- Sim, senhora. Toma aqui esse anel de prata com pedras de quartzo, fabricado no Peru, e essa aliança, de ouro e prata, também trazida de lá. Ao lado de dentro tem um nome de homem, mas a senhora ignore.

Constrangida ao me ver retirar os anéis dos dedos, a mulher arregalou os olhos:

- Eu não estou roubando não, minha filha!

- Nem eu. Se a senhora não quiser ficar com eles, pode dar para aquele rapaz ali, que ele troca por uma pedra de crack.

- Obrigada, minha filha! – recolheu tudo e enfiou num bernal mais que surrado.

- Não precisa agradecer, senhora, eu só estou limpando o carro.

- Que Deus leve o seu carro por esses caminhos, minha filha!

- Acho melhor não. Da última vez ele furou o sinal e quase me tomaram a carteira – busquei no fundo um fraco sorriso. Parece que tinha bebido! Ah, já ia me esquecendo: tem também esse perfume. Eu ia estourar o vidro no asfalto, ali adiante, mas sempre se corre o risco de ferir uma criança, não é mesmo? Entregue-o a qualquer um, por favor.

- Está bem, minha filha...

- E mais essa muda de roupa. É simples, para se usar em casa, mas está em bom estado e foi escolhida com muito carinho. Veja como combinam os tons de azul! (A mulher agora já me parecia confusa e seus olhos se esticaram um pouco sobre o vidro, a ver que mais eu teria no banco traseiro).

- O meu marido vai querer sim, senhora.

- E, se a senhora não me leva a mal, tem ainda essa meia dúzia de rosas. Já estão um pouco murchas, é verdade, mas as pétalas não se soltaram, e a senhora sabe como é, flores nunca se jogam no lixo.

- Obrigada, minha filha!

- Não precisa agradecer. Não é pela senhora; é por mim. No mais, tem aqui uma série de cartas e bilhetes de amor, um sentimento inventado por Petrarca, no século catorze, mas foram escritos em espanhol e acho que não lhe serviriam. Eu mesma os lanço fora. Desculpa, senhora, não tenho nada de valor para lhe dar. Até logo...

- Até logo, minha filha. Deus te ilumine...

# SE EU MORRESSE AMANHÃ

*Quando nos nascem os filhos, descobrimos a mortalidade.*

*(Joan Didion)*

Se eu morresse amanhã, as crianças estariam bem. Até às cinco da tarde, em nada teria mudado a sua rotina: almoço, brinquedo, aula de capoeira. Às cinco horas, já de banho tomado, seriam levadas pela mão até a entrada da escola, onde se sentariam, mochilinhas ao lado, como todos os dias, para me esperar, enquanto o restante da turma seguiria em fila indiana para o refeitório, porque... – *Es-ses dois não jantam na escola!*, diria a tia ao vigilante uniformizado. Por entre as pernas do homem, os dois olhariam ansiosos para o portão, e pela primeira vez não receberiam o meu abraço. Nunca mais sentiriam o meu calor.

Cinco horas, cinco e meia... seis horas. A tia retorna com a turma do refeitório: – *Vocês ainda estão aí? – Mamãe se atrasou? – Querem esperar na sala com os colegas?* São muitas perguntas para crianças de quatro anos – e são só o começo.

A partir de então se inicia, para eles, um estranho périplo de gentes estranhas, que olham com pena e surpresa: – *Tão pequenos ainda!* – *A mãe tinha tanto amor por essas crianças!*

Mãos na boca, mãos na cabeça, olhos que se abrem... Os pequenos gestos dos que recebem a notícia iniciam os dois no aprendizado mais efetivo do que significa: um verbo no passado. A teatralidade que se acerca prepara-os para algo que tem de ser conhecido e interiorizado o quanto antes, mas que, contudo, ninguém chega a lhes dizer o que é, mesmo porque, quem irá falar a crianças sobre a morte da mãe, quem os olhará nos olhos e lhes dará a maior, a pior das notícias? O pai talvez consiga abordar o absurdo, o tema dos temas...

– *Que foi? – Que houve? – Que aconteceu?* Crianças de quatro anos ainda não sabem formular essas perguntas, e é provável que não sejam sequer ouvidas em meio à confusão, centrada muito acima de suas cabeças, agora provavelmente um pouco mais baixas. Suas demandas são de outra ordem, da ordem dos não acostumados à falta, dos que sequer suspeitam da existência da ceifadeira.

O que elas ditam é muito mais um presente para aquele desejo, o desejo do calor e do cheiro da mãe, impossível: – *Eu quero a minha mãe!*

Talvez a partir de agora utilizem com grande propriedade as interrogações diretas (sutil evolução que será contudo ignorada por pessoas preocupadas com questões práticas, quiçá com a sobrevivência e o bem-estar físico das duas criaturinhas): – *Por que a mamãe está demorando hoje? – Já é de noite? – Onde está a mamãe?*

Certamente seriam poupadas do espetáculo sombrio do enterro, do ridículo velório. Neste momento me cabe apenas torcer por isso; ou então acreditar na força de um testamento; o resto – é preciso reconhecer – é impotência.

Em breve meus irmãos, entre si, determinariam quem ficaria com as crianças, até que o pai diligenciasse em definitivo. Se ficassem com o pai, seriam criadas por uma empregada, expectativa para as noites que talvez alongasse e entristecesse infinitamente os seus dias, já longos, na escola, a depender da índole dessa nova mãe postiça e assalariada, habitante de um distante subúrbio e mãe de quatro outros filhos, verdadeiramente seus.

Os fins de semana, quando o pai viaja a trabalho, seriam de grande imprevisibilidade, desenhada de acordo com a disponibilidade dos amigos dele, dos parentes da mãe: ora estariam em Manguinhos, ora em Bela Aurora; ora em Nova Venécia, ora em Jardim Camburi... Para Francisco, que gosta de silêncio, ordem e rotina, essa fase seria difícil. Ainda não imagino de que modo resolveria as suas crises

de medo, que o levam a minha cama praticamente todas as madrugadas. Refiro-me não ao consolo imediato, que tanto pode auxiliar quanto retardar a solução; penso antes na beleza do próprio desenrolar lento e gradual dessa faceta de sua personalidade, que, estando viva, eu acompanharia...

Nos primeiros dias, ou nos primeiros tempos, provavelmente ele teria crises de choro e declararia “saudade da mamãe”, como faz quando dorme em casa do pai ou porque “está demorando muito” a hora de retornar a casa. Enquanto isso Flora talvez o consolasse, beijando-o, alisando-lhe os cabelos. Pode ser que ele voltasse mesmo a chupar o dedo e, se não voltasse, seria porque a mãe ficou tão feliz quando ele parou...

Vindas de Flora, aparentemente mais bem adaptada à nova rotina – ou à falta dela –, pode ser que se ouvissem comoventes perguntas desconcertantes acerca do desaparecimento materno, que os ouvintes, a depender do seu grau de sensibilidade, poderiam interpretar como poéticas, dramáticas ou mesmo patéticas.

Ninguém poderia contudo mudar a sua própria rotina familiar e de trabalho para cuidar exclusivamente da readaptação dos dois pequenos seres. Nem mesmo a vovó deixaria de cuidar de suas plantas e galinhas, transformando radicalmente o seu dia-a-dia, por décadas planejado, para dedicar seus últimos e cansados anos a cuidar de netos órfãos.

Por mais que alguns, como meu irmão Alex, se esforçassem por se colocar no lugar dos pequenos gêmeos, ninguém poderia compreender (eles mesmos apenas sentiriam, e por algum tempo) que perder a mãe, neste momento histórico pós-feminista e anterior à resolução da famigerada dupla jornada, é mais que perder a mãe. Perder a mãe, ainda hoje, é perder a oca do aconchego, o calor da casa, o sossego e o silêncio do território conhecido e a cada dia, de novo, reconhecido. São sensações ligadas, sem dúvida, a objetos e acontecimentos da pura ordem prática.

Todas as sutilezas polidas pela passagem das águas transparentes do cotidiano, tudo se perde com a perda da mãe. Tudo tem de ser reinventado: a fruta preferida, a roupa de dormir, a temperatura do leite... Têm de ser redescobertas, por aquele que mal e mal as descobriu: a sandália que machuca, uma palavra que evoca outra (biscoito de cobra, rabo de macarrão)... A camisa do dragão, o filme da floresta, todas as incorreções dos belos jogos de linguagem, tudo agora se torna, como num passe de antimágica, ininteligível aos ouvidos dos novos adultos. As palavras passam das suas acepções artesanalmente trabalhadas, da pescaria mais afetiva para a corredeira comum que a tudo iguala. Será preciso, aos pequenos órfãos, criar outros modos de fala, mais objetivos e racionais, que empurrarão os dois – sejamos otimistas – para o avanço lógico, assim como não ter o colo da mãe a que recorrer no meio da noite. A responsabilidade de se fazer entender crescerá juntamente com o leque das necessidades.

Se forem morar com a família de um dos meus irmãos, ingerirão muito mais açúcar do que estão acostumados e talvez engordem um pouco, especialmente no início, quando seria difícil negar-lhes um chocolate, agora que tinham perdido a mãe... E, como por encanto, teriam mais irmãos. É finda a ditadura dos gêmeos! Do nada, outros jogos e regras, outras ordens a que obedecer e, mesmo, surpreendentes permissões.

Volta e meia, uma voz que se aproxima lhes faz arregalar os olhos, achando, ambos ou um dos dois, que é a mãe que retorna da longa viagem, se é que não lhes dirão que a mãe foi para o céu. Francisco, que vinha, ultimamente, mostrando grande interesse pelo sistema solar, agora imagina, entre temeroso e confuso, os cabelos da mãe esvoaçando por entre os planetas, a mãe voando e rindo perto da lua... – *Mas por que ela não me avisou, não me levou com ela?*

Flora, no meio da noite, dará suas pequenas gargalhadas, desta vez sonhando com as cócegas que lhe fazia a mãe antes de dormir, com os beijinhos suaves que trocávamos quando nossos rostos, semelhantes feito num espelho de idades, se encontravam no escuro do quarto.

Mas no fim da tarde, na escola, porque é algo que já se repete há anos, a força do hábito fará com que ainda esperem pela mãe, e é provável que, mesmo depois de alguns meses, ainda torçam para que hoje a mamãe venha. Pode ser mesmo que, vez ou outra, troquem comoventes, porém quase inaudíveis palavras sobre o assunto, confabulando entre si sobre o que fariam quando acontecesse o esperado retorno e rejeitando, naquela tarde, o pai, a empregada ou o tio que vem apanhá-los na escola.

Algumas vezes, por detrás dos murais onde a mãe se escondia para não atrapalhar o desempenho dos dois na aula de capoeira, ainda verão umas pernas que se assemelham às dela, e talvez daí a uma ou duas semanas ainda corram para ver se se trata da mãe, embora nunca mais nenhum coleguinha tenha gritado, como quase todos os dias, antes: – *Flora, Francisco, sua mãe chegou!*

Com o tempo se acostuariam ao novo ambiente que lhes fora designado, mas com certeza não seriam mais as mesmas crianças. Talvez viessem a ser adultos melhores. Talvez piores. Menos ou mais sensíveis... nunca se sabe, mas jamais os mesmos que seriam se eu não morresse amanhã, se seguissem sob o afeto e a influência da figura materna.



# DO AMOR

*Onde não há jardim, as flores nascem de um  
secreto investimento em formas improváveis.*

*(Carlos Drummond de Andrade)*

Acabo de receber a mensagem de um leitor afirmando que, em nenhum dos meus escritos aparece, jamais, a palavra amor. Não me surpreende a constatação em si, mas antes a busca por uma palavra ou sentimento em obra tão incipiente, de autora pouco conhecida.

O gérmen foi, de todo modo, certamente inoculado, pois aqui estou eu, à procura do renegado amor. Pensei em começar vasculhando os espaços todos deste apartamento em reforma: gavetas vazias, transbordantes, desordenadas... há uma inclusive que, no momento da compra, herdei já trancada e sem a chave, e que ainda não tive energia para abrir, por receio talvez do previsível, do mais provável e decepcionante vácuo. Enquanto ela permanecer fechada, posso imaginar lá dentro muitos tesouros, visíveis e invisíveis.

Em frente agora ao computador e tentada pelo hábito de contrariar afirmações peremptórias, penso em quantas páginas terei de revisar à cata das quatro letras – tanta teoria, tanta ficção...

Mas é preciso iniciar os trabalhos... Editar. Localizar. Amor. Nenhuma ocorrência neste documento. Lembro-me da caixa de correspondências. Editar. Localizar. Amor. Também não. Editar. Localizar... Que difícil palavra... Não a terei registrado mesmo? E por que não o teria feito? Será a ponta da asa de um recalque? Nem mesmo em minúsculas, ou sutilmente destacada em itálicos, como se tivesse migrado, por conta própria, de um outro idioma para o meu? Intuo que surgirá, num rompante, entre aspas duplas, como se tivesse tomado emprestadas as asas do Cupido...

Editar. Localizar. Amor. Nenhuma ocorrência neste documento. De-seja continuar a pesquisa?

Abandono o mundo virtual, procuro na cesta de postais, os amigos todos evadidos para a Europa – o amor não consta. Olho as paredes rabiscadas ao acaso, com trechos de canções queridas... Amor, amor... Também não há! Esvazio o armário de roupas, espalho as camisas de eventos, repletas de inscrições, releio as marcas das meias, das calcinhas...

Onde estará o amor, esse réptil rápido? Uma obra sem amor é como uma casa sem Bíblia, proclamo alto, entre meus próprios risos frenéticos, enquanto passo os olhos pelas lombadas dos livros na estante. Amor, amor... cadáver sempre de outrem... relâmpago gotejando das íris em arco... Onde estarão o Amor líquido, o Amor de perdição, o de salvação, o Amor e lixo, o Amor e outros demônios?...

E as declarações secretas feitas ao vento, perdidas no crepúsculo? Também lá não estaria o amor? Procuro. Relembro. Corto, recorto, colo, edito... mas o amor não dá as caras...

O blog! – lembro – o blog!: escrita direta, espontânea... Editar. Localizar... Encontro “Amantes”. E o amor, e o amor, quase imploro, num sussurro solitário por sobre os posts... Revela-te, amor... em quatro minúsculas letras, declara-te enfim!...

Epígrafes! Quem sabe nas discretas epígrafes o amor não tenha ao menos se insinuado...

Editar. Localizar. Também não! E os perfumes baratos, com títulos de romances? Não, o verdadeiro amor não se entrega assim facilmente. E a tradução que um dia ousei fazer de Borges? Não, nada de amor. E os papéis restantes das viagens, esquecidos nos fundos da mala? Não estaria ali um amor sequestrado alhures, ansiando por liberdade em terras estrangeiras? Não, ainda não. As brigas de amor, talvez... os desentendimentos... Não – sem amor por agora.

Súbito me lembro da tevê! Ligo num canal aberto, cheia de esperanças e outros andrajos... Justo então veiculam uma matéria sobre o desamor.

Abro a janela. Não há ninguém pichando no muro a frase do José Carlos Oliveira: “Eu não faço amor contra ninguém”... O amor está ausente das ruas...

Tento o catálogo médico, a guia de endereços, a lista de chamada... Nada. Nenhuma aluna chamada Amor para este semestre. Nenhuma ocorrência.

Cansada, com os olhos ardentes e a afirmação do leitor latejando na cabeça, caminho para o jardim e sento-me em meio aos pequenos vasos de violeta, minuciosamente cuidados ao longo dos últimos anos. No mais viçoso deles desponta, ferindo a luz, uma primeira pétala coagulada.

É hora de cerrar as persianas para evitar a invasão de mosquitos. Parece que vai chover.



# HISTORINHA RETROCESSA

*O seu nome é uma faca, lâmina afiada  
enterrada no peito até o fim.*

*O segredo é uma faca de dois gumes.*

*(Fátima Guedes)*

Longo silêncio.

Ponto final.

Cada persona segue o seu caminho, como se houvesse aquilo que se chama – o seu caminho.

Daqui para a frente – digo, para trás – não se sabe mais que de corpos, nem de como se atraem. Porque é natural que se deem encontros, tropeços e esbarrões.

Neste exato momento, por exemplo, palavras são as pontas dos meus dedos deslizando pela tua face, iluminada apenas pela camada de pixels, enquanto os teus olhos me decifram e retalham em postas.

Preparaste a armadilha na qual eu ansiava por cair. Devolvo-a como um enigma, para além da falha, da queda, dos segredos.

Início de conversa: nós dois, nunca mais, estaremos tão próximos quanto neste exato momento.







**Andréia Delmaschio** nasceu em Vitória, Espírito Santo, em 20 de abril de 1969. É escritora, professora e pesquisadora, mestre em Estudos Literários pela UFES e doutora em Semiologia pela UFRJ. É autora do livro de contos *Mortos vivos* (Vitória: Secult, 2008). Publicou ensaios sobre as obras de Hoffmann, Rosa, Nassar, Noll e Manuel de Barros, entre outros. Escreveu *Entre o palco e o porão: uma leitura de Um copo de cólера, de Raduan Nassar* (São Paulo: Annablume, 2004) e *A máquina de escrita (de) Chico Buarque* (Rio de Janeiro: 7Letras, 2014). É professora do Instituto Federal do Espírito Santo.

Foto: G. Ciámbolo

Mil novecentos e setenta e poucos. Fim de tarde na Vila Velha. Pelas ruas de Ataíde retorno da escola em direção à Ilha das Flores, o sol na nuca feito um farol alto. De certo modo, até hoje procuro aquela ilha. Ou talvez eu ainda esteja parada na porta do armazém, cabisbaixa e boquiaberta, no momento em que a sombra se agiganta à minha frente, tomando posse da calçada e petrificando-me o corpo ao fincar na terra, por entre os dedos do meu pé, uma vara longa e delgada. É Maria Tomba Homem. Seu nome, quando pronunciado em voz alta, na escola, fazia tremer inteira a lista de chamada. Desde então ela passa repetidamente diante dos meus olhos, encabeçando a fila de gigantes disformes que ainda habita os meus sonhos diurnos.

Parceria



Realização



GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO  
Secretaria da Cultura